



Teresa de Cartagena

ADMIRAÇÃO DAS OBRAS DE DEUS

Tradução Cláudia Costa Brochado

Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente - Prof. Dr. Prof. Dr. Bruno Leal Pastor
de Carvalho (HIS/UnB)
Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza
(FIL/UnB)
Prof^a Dr^a Maria Lucia Lopes da Silva
(SER/UnB)
Prof. Dr^a Ruth Elias de Paula Laranja
(GEA/UnB)

Membros externos:

Prof^a Dr^a Ângela Santana do Amaral (UFPE)
Prof^a Dr^a Joana Maria Pedro (UFSC)
Prof^a Dr^a Marine Pereira (UFABC)
Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Membros internacionais:

Prof. Dr. Fernando Quiles García
(Universidad Pablo de Olavide - Espanha)
Prof^a Dr^a Ilía Alvarado-Sizzo
(Universidad Autonoma de México)
Prof^a Dr^a Paula Vidal Molina
(Universidad de Chile)
Prof. Dr. Peter Dews
(University of Essex - Reino Unido)



Coleção Medioevum
Organizadores: Maria Filomena Coelho

Título: Admiração das obras de Deus
Autora: Teresa de Cartagena
Tradutora: Cláudia Costa Brochado
Parecerista: Johnny Taliateli
Editoração e revisão: Cláudia Brochado
Arte e Diagramação: Daniel Marwell Borges
Coleção: Medioevum
Publicação: Selo Caliandra
Editora: Biblioteca Central

**Universidade de Brasília — UnB
ICH — Instituto de Ciências Humanas**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

T316a Teresa, de Cartagena, 1425 - 1478.
 Admiração das obras de Deus [recurso eletrônico] / Teresa de Cartagena ; tradução: Cláudia Costa Brochado. - Brasilia : Universidade de Brasilia, Departamento de História, 2025.
 69 p. : il. - (Coleção Medioevum).

 Inclui bibliografia.
 Modo de acesso: World Wide Web:
 <caliandra.ich.unb.br>.
 ISBN 978-65-985159-3-5.

 1. Teresa, de Cartagena, 1425 - 1478. 2. Vida espiritual - Igreja Católica - Obras anteriores a 1800. 3. Vida monástica e religiosa - Espanha - História - Idade Média, 500-1500. I. Brochado, Cláudia Costa. II. Titulo. III. Série.
 CDU 27-584

Heloiza dos Santos - Bibliotecária - CRB1/1913



Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0
International (CC BY-NC-ND 4.0

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Teresa de Cartagena

ADMIRAÇÃO DAS OBRAS DE DEUS

Tradução
Cláudia Costa Brochado



Brasilia - DF
2025



Admiração das obras de Deus

Teresa de Cartagena

Tradução

Cláudia Costa Brochado

Estudo sobre autora e obra

Teresa de Cartagena

Quando Teresa de Cartagena (c.1425-c.1480) toma conhecimento de que, em suas palavras, “alguns homens prudentes, e até mesmo mulheres discretas” se “maravilharam” com um texto que escreveu, ela se diz surpreendida por ser, segundo ela, uma obra de “pouca substância”, completando que quem estaria “maravilhada” por tudo isso era ela. Diz também que o fato de estarem maravilhados não significa para ela um elogio pois tornaria sua defesa mais difícil.

Esses comentários estão no inicio de Admiração das obras de Deus, obra que trazemos aqui traduzida pela primeira vez em lingua portuguesa e que consiste em uma defesa da autora. Uma defesa visto ter esse “maravilhar” dos “homens prudentes” e “mulheres discretas” um sentido de incredulidade para com a autoria de sua obra anterior. E defender-se, provar que é mesma a autora de sua primeira obra, *Arboleda de los enfermos*, diz ser algo penoso: “defender-se daquilo que claramente é mau”, mas muito mais penoso, porém, é defender-se daquilo que “nosso adversário lhe oferece sob a aparência de bem”, ou seja, aquilo que de bom

só tem a aparência. Tudo isso Teresa escreve numa espécie de prólogo dirigido a Juana de Mendoza (c. 1425-1493), àquela que Teresa diz ser a incentivadora de sua obra. Dedica-lhe Admiração como havia feito também com *Arboleda*, aquela que gerou a polêmica que deixou tantos “maravilhados”.

A polêmica diz respeito à autoria, como dissemos, mesmo que autoria seja um conceito complexo para a época de Teresa, o século XV. Mesmo que a obra esteja relacionada à sua surdez, ou seja, era também um relato sobre a sua experiência pessoal: as consequências concretas e simbólicas decorrentes de sua condição e sua transformação a partir disso (ela fica surda em torno dos vinte anos).

Esses comentários introdutórios nos informam sobre sua estratégia de defesa, que será a defesa de sua capacidade intelectual, estratégia que passará também por defender a capacidade intelectual das mulheres em geral. Argumento que escolhe para combater a falsa admiração que indicava não um elogio, mas uma suspeita, aquilo que tinha só a aparência de algo bom, como ela diz. Argumento que tem como base o arbítrio do criador de seu mundo, a cristandade, o Deus onipotente. É sobre esse admirar-se com suspeita que seu título informa: por que suspeitar das obras divinas? Por que questionar o arbítrio divino para capacitar suas obras como desejar? Por que questionar que ela, a autora, seja capaz se ela é uma dessas obras? Por que questionar a capacidade das mulheres se todas elas o são?

As fontes que nos oferecem informações sobre Cartagena são principalmente suas obras. Em *Arboleda*, tomamos conhecimento da surdez, algo que terá papel muito relevante em sua vida e obra. É nela também que Teresa conta que estudou na Universidade de

Salamanca, mas que ali não encontrou o que procurava. Em *Admiração*, tomamos conhecimento dos aborrecimentos causados pela suspeição de sua obra e da importância de Juana de Mendoza em sua vida. Outras poucas fontes nos dizem que ela é filha de María de Saravia e de Pedro de Cartagena, e que foi monja no monastério de Santa Clara da mesma cidade.¹ Teresa nasceu em torno de 1425, em Burgos, em uma família judia conversa bastante influente. Seu avô, Pablo de Santa Maria (1350-1435), antes da conversão havia sido rabino dessa cidade, chamando-se então Salomón ha-Levi. Uma década depois da conversão, torna-se bispo também de Burgos, e depois, bispo de Cartagena, sendo essa a origem do sobrenome de Teresa. Sua família é também bastante letrada: depois da conversão, seu avô estudará teologia na Universidade de Paris, o irmão dele, Álvar Garcia de Santa María (1370-1460), foi cronista real, e seu tio paterno, Alonso de Cartagena (1384-1456), além de famoso político e escritor, foi também bispo de Burgos.²

Esse parentesco de Teresa com Alonso de Cartagena é importante para sabermos mais sobre ela, já que ele a menciona em seu testamento e também em duas cartas enviadas ao Papa Nicolás V, uma pedindo autorização para que ela mudasse de monastério e outra para que ela futuramente recebesse um cargo ali. Outro testamento

1 RIVERA GARRETAS, María Milagros. La documentación de Teresa de Cartagena en Santa Clara de Burgos (1446-1452) y otros datos. In: Josefina Mutgé Vives et al. (ed.). *La Corona catalano-aragonesa, el Islam i el món mediterrani. Estudis d'Història medieval en homenatge a la doctora María Teresa Ferrer i Mallol*. Barcelona: CSIC, 2012, p. 603-615.

2 RIVERA GARRETAS, María Milagros. Una vida en relación: Juana de Mendoza com Gómez Manrique, Isabel la Católica y Teresa de Cartagena. In: Blanca Gari (Coord.), *Vidas de Mujeres del Renacimiento*. Barcelona: UBe, 2000, p. 103-12.

nos informa que Teresa ainda vivia em 1478, já que ela consta entre os herdeiros de seu pai, numa sentença dada por seu sobrinho, frei Íñigo de Mendoza.³ A partir desse sobrinho é possível estabelecer uma ligação familiar entre Teresa e Juana de Mendoza, sendo ele filho de sua irmã com um parente de Juana. Segundo Milagros Rivera, as três, Teresa, sua irmã, Juana de Cartagena, e Juana de Mendoza formariam um círculo de grandes leitoras.⁴ Sobre a última, sabemos que foi amiga e camareira mor de Isabel I de Castela (1466-1493), ou Isabel a Católica, também da filha primogênita desta. Foi casada com Gómez Manrique (c.1412-1490), conselheiro de Isabel I e corregedor de Salamanca, Burgos, Ávila e Toledo.⁵

Sem que tenhamos notícias de Teresa entre 1453 a 1478 - anos das cartas e dos testamentos -, apesar da longa investigação feita por Milagros Rivera em diversos arquivos de monastérios para onde Teresa poderia ter-se transferido após deixar o monastério de Santa Clara de Burgos, a pesquisadora traz a possibilidade dela ter-se mantido fora de qualquer instituição religiosa, dedicando-se à literatura e ao pensamento político. Rivera apresenta dois argumentos que poderiam ajudar a sustentar essa hipótese. Um deles seria o fato de não haver nada escrito no manuscrito no

³ RIVERA GARRETAS, María-Milagros. Teresa de Cartagena vivía en 1478. In M^a Val González de la Peña (ed.), *Estudios en Memoria al profesor Dr. Carlos Sáez. Homenaje*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2007, p. 763-772.

⁴ Op. cit., 2000, p.127.

⁵ Op. cit., 2012.

lugar que deveria constar o nome de sua ordem.⁶ O outro seria o fato dela necessitar de um suporte para sua manutenção, como indicado na doação de seu tio em 1453, e também no testamento de seu pai de 1478, apesar da exclusão dela da sucessão anterior.⁷

Outra informação importante trazida por Rivera é o fato de Teresa ser citada em uma obra do final do século XIX, apesar de não haver referências documentais que comprovem as informações. Nela aparece que em 1460 Cartagena estaria “brilhando nos círculos literários renascentistas de Burgos e de Segovia acompanhada de Juana de Mendoza e do marido desta, o poeta Gómez Manrique”.⁸ Para Rivera, se essa informação é correta *Arboleda de los enfermos* pode ter sido escrita em torno dessa data, podendo ter sido muito conhecida, comentada e criticada.⁹

Nada sabemos sobre as datas das obras de Cartagena, somente que *Arboleta* provavelmente já estivesse escrita em 1460,

6 “[...] religiosa de la horden de, a petición e ruego de la Señora Doña Juana de Mendonça, muger del Señor Gomes Manrique” (grifo nosso). (Teresa de Cartagena, *Admiraçion operum Dey*, L.Hutton (ed.), p. 111 [fol. 50r]). Para Milagros Rivera (2012) isso talvez se deva a uma confusão sobre a forma de nomeá-la depois dela deixar a Ordem de Santa Clara, confusão gerada pela dúvida quanto ao caráter dos votos monásticos, se vitalício ou não.

7 Segundo Rivera (2012), Teresa está ausente da “carta fundacional del mayorazgo que hizo su padre Pedro de Cartagena el 29 de enero de 1446, un mayorazgo que, aunque estrictamente patriarcal, no excluye a los descendientes varones de las hijas, que son nombradas meticulosamente por orden de nacimiento (Juana de Cartagena, María de Saravia y Elvira de Cartagena o de Rojas).

8 O autor dessa obra do século XIX seria Juan Pérez de Guzmán y Gallo: *Bajo los Aus-trias. La mujer española en la Minerva literaria castellana*, Madrid, Escuela Tipográfica Salesiana, 1925, p. 38. [«La España Moderna» (junio-octubre 1898)].

9 Op. cit., 2012.

não sendo possível saber quanto tempo depois ela escreveria Admiração das obras de Deus.

Admiração das obras de Deus e a “querela das mulheres”

Teresa de Cartagena é considerada a primeira autora em língua castelhana e seu texto Admiração das obras de Deus a situará na chamada “querela das mulheres”.

Em consequência da desconfiança lançada sobre sua capacidade de escrita, Teresa de Cartagena decide escrever, em suas palavras, “um breve tratado que pode ser adequadamente chamado de Admiração das obras de Deus”. Podemos dizer que sua argumentação tem como base o seguinte silogismo: as criações de deus não devem ser questionadas, as mulheres com inteligência são criações de Deus, logo, isso não deve ser questionado.

Teresa vive num período que discute a natureza feminina, aliás, já vem discutindo com afínco há quase dois séculos se essa natureza é boa ou má e, também, o que seria uma boa ou má natureza. Esse é o cerne da “querela das mulheres”, sobre a qual falaremos brevemente. Primeiramente, podemos dizer que o que mais lhe define é o fato concreto de ter havido principalmente a partir do século XIV um aumento inquestionável de obras que têm as mulheres como tema, algo que se estenderá para além do período medieval. A expressão “querela das mulheres”, ou *querelle des femmes*, como ficou mais conhecida, já indica que está em

curso uma discussão em forma de debates cujo tema são as mulheres. Ou seja, as mulheres são o foco desses debates, mais propriamente, a sua natureza. A querela nasce nessa dialética de textos a favor e contra as mulheres, impulsionada por debates que começam de forma oral, passando também ao texto escrito. O fundamento da querela é de ordem política e nos informa sobre mudanças importantes que estão em curso no período e cujos resultados já trazem transformações simbólicas significativas. Dentre essas novidades, podemos destacar as universidades e a inclusão das obras do filósofo Aristóteles nos seus programas, algo que terá um papel muito importante na depreciação das mulheres. Essa manifestação expressa-se, assim, na presença do tema da natureza feminina nas discussões, chegando a debates fundamentados em pressupostos bíblicos e científicos, tema que não é novo mas que terá um impulso significativo no período. Surge assim uma nova tendência - no sentido de que nunca se discutiu tanto a natureza feminina - de falar que as mulheres possuem uma natureza inferior, imperfeita, pouco confiáveis etc. Algumas obras, principalmente escolásticas, trazem argumentos sustentados na patrística, mas também em Aristóteles, o que é uma novidade. O filósofo grego foi retomado pelos teólogos escolásticos sendo incorporado aos programas das universidades medievais.¹⁰

Mulheres e homens se manifestaram na querela em defesa das mulheres, mas há diferenças profundas entre seus textos. Encontramos na defesa masculina das mulheres muitos casos de obras encomendadas por rainhas que expressamente solicitaram aos letrados de sua corte que escrevessem textos que enaltecessem as boas qualidades femininas.

10 Tratamos deste tema em: BROCHADO, Cláudia. *A Querelle des Femmes e a política sexual na Idade Média*. *Brathair*, 20 (2), 2019. Milagros Rivera faz uma rica análise da questão em: RIVERA GARRETAS, María-Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valencia: PUV, 2005.

¹¹ As defesas feitas pelas próprias mulheres, por outro lado, partem da percepção pessoal daquela que escreve e sua escrita surge da necessidade de dar vazão ao incômodo de ouvir e ler os comentários sobre sua natureza, ouvir e ler o que não pensavam nem sentiam. O caso mais emblemático nesse sentido é o da franco-italiana Christine de Pizan (1364-c.1430) que relata de forma muito enfática esse incômodo na introdução de sua obra *Cidade das Damas*.

No contexto ibérico, Teresa de Cartagena é a primeira mulher a se manifestar politicamente na “querela das mulheres” com seu texto *Admiração das Obras de Deus*, pois a desconfiança sobre seu livro a obriga a entrar nesse debate. Ao fazer isso, ela não apenas se defende, como defende a capacidade intelectual do contingente feminino: não são os homens que definem essa capacidade, mas o divino, Deus. Por isso, pelo teor político de sua obra, ela é considerada a voz castelhana mais importante no debate.

Nas primeiras linhas de seu texto ela se apresenta como autora e explica, não sem ironia, a celeuma que lhe leva a escrever:

Muitas vezes fui levada a entender, virtuosa senhora, que alguns homens prudentes, e até mesmo mulheres discretas, se maravilham ou se maravilharam com um tratado que, a graça divina administrando meu fraco entendimento mulheril, com minha mão escreveu. E como é uma obra pequena, de pouca substância, fico maravilhada.¹²

11 Sobre o tema: Ana Vargas. *La Querella de las Mujeres. Tratados hispánicos en defensa de las mujeres* (siglo XV). Madrid, Editorial Fundamentos, 2016.

12 *Muchas veces me es hecho entender, virtuosa señora, que algunos de los prudentes varones e asy mesmo henbras discretas se maravillan o han maravillado de vn tratado que, la gracia divina administrando mi flaco mugeril entendimiento, mi mano escriuio.* (Teresa de Cartagena, *Admiraçion operum Dey*, L.Hutton (ed.), p. 113 [fol. 50v]).

E há nessa interjeição “fico maravilhada” um elemento de falsa surpresa, recurso que ela usa de forma muito sutil em algumas passagens, como se transitasse com cuidado entre o que lhe é ou não possível dizer. E completa: “Maravilham-se as pessoas do que escrevi no tratado, e eu me maravilho do que na verdade calei”¹³

Mas, o cuidado não a impede de dizer que a falsa admiração que lhe tributam é uma ofensa à Deus:

Mas, aqueles que estão maravilhados devem notar que existe uma admiração, ou uma maneira de maravilhar-se, na qual o Criador ou Inspirador daquela obra da qual nos maravilhamos é louvado e venerado, e que há outra admiração que não louva nem serve ao soberano Criador, pelo contrário, é um insulto e uma ofensa a ele.¹⁴

Ela usa com frequência dois verbos em sua obra para falar desse espanto, tendo eles o mesmo sentido no texto, admirar e maravilhar, que são usados também como substantivo, como no título da obra: Admiração das obras de Deus. Um título que a leitura da obra informa ser uma crítica, como dissemos: por que questionar as decisões de Deus? E sobre ser errado duvidar do arbítrio divino, ela traz uma argumentação dedutiva para dizer que quem duvida de que ela possa ter escrito *Arboleda* está errado/a. A primeira e mais geral é: Deus é omnipotente; Deus criou a

¹³ *Maravillan se las gentes de lo que em el tractado escrivi e yo me maravillo de lo que em la verdade callé.* (Teresa de Cartagena, *Admiraçion operum Dey*, L.Hutton (ed.), p. 131 [fol. 60v]).

¹⁴ *Pero devén notar los que se maravillan que aya vna admiración o manera [de] maravillar en l[a] qual es loado e venerado el Hazedor o Ynspirador de aquella obra de que nos maravillamos, [y] que ay otra admiración en la qual no es loado ni siruido el soberano Hazedor, antes es e[n] enyuria e ofensa suya.* (Teresa de Cartagena, *Admiraçion operum Dey*, L.Hutton (ed.), p. 121-22 [fol. 55v]).

mulher; logo ele poderá criá-la com os dons que desejar. Falando dos diferentes bens da graça, ela dirá:

Mas os bens da graça, por serem maiores e mais singulares, [Deus] reservou para si mesmo, porque não poderíamos tê-los em razão da natureza ou da sorte da fortuna, nem por qualquer outra arte ou engenho humano, mas apenas pela bondade, misericórdia e graça de Deus. Por isso, na verdade, eles têm nome e título de “bens da graça”. E parece-me que queremos dizer “bens provenientes” ou “inspirados pela graça especial de Deus”, ou “bens de Deus que Deus dá graciosamente a quem ele quiser”. Porque para esses não convém examinar nem ater-se ao estado da pessoa, seja homem ou mulher; nem à disposição e capacidade do entendimento, que seja muito capaz ou completamente insuficiente; nem ao mérito das obras, que seja justo ou muito grande pecador. Porque a graça divina excede e supera tudo isto ou mais, e preenche abundantemente as lacunas dos nossos defeitos.¹⁵

Sobre o fato de não ser estranho que os homens escrevam livros e tratados, o argumento de Teresa parte de uma vantagem que esses têm sobre as mulheres, que é o acesso ao aprendizado. Também que

¹⁵ Pero los bienes de gracia, así como mayores e más singulares, reservó en sy, ca estos ni lo avemos por vigor de natura ni por buena dicha de la ventura, ni por otra alguna arte ni industria humana los podría[mos] aver, sino solamente por la bondad e misericordia e gracia de Dios; Asy que, en verdad, ellos tienen propio nonbre e apellido [d]e bienes de gracia. E parésçeme que queremos decir bienes ynfluidos o ynespirados por especial gracia de Dios, o bienes de Dios que Dios da graciósamente a quien le plaze, ca en éstos no conviene escadruñar nin aver respecto al estado de la persona, que sea varón o enbra; ni a la dispusyción e abilidad del entendimiento, que sea muy capaz o del todo ynsuficiente; ni al mérito de las obras, que sea justo o muy grand pecador. (Teresa de Cartagena, *Admiraçion operum Dey*, L.Hutton (ed.), p. 123-24 [fol. 56v-57r]).

esses conhecimentos vieram de outros que lhes ensinaram no passado, como o mestre que deve se lembrar que um dia já foi discípulo. E que ninguém deve se esquecer de onde provém todo o conhecimento, da fonte de todas as ciências:

Portanto, com esta pesada carga de considerações humanas, algumas pessoas maravilham-se, ou ficaram maravilhadas - ou até mesmo consideraram duvidoso e quase impossível - que uma mulher fizesse tratados ou conseguisse realizar algum trabalho significativo e bom. E se os homens fazem livros e tratados compendiosos, não se maravilham, porque isso é atribuído ao seu próprio senso e à capacidade de compreensão das grandes e naturais ciências que conhecem. E não se referem à glória de Deus, nem creio que se lembrem de onde vieram as naturais ciências que os homens aprendem nos estudos, e para quem as conhece, onde as aprenderam e quem as ensinou. Porque se considerassem bem, veriam que aqueles que agora são mestres foram em outros tempos discípulos e aqueles de quem foram discípulos, outro mestre os ensinou. E as ciências chegaram assim às mãos de quem as possui e as conhece hoje, ensinando-se uns aos outros e aprendendo.¹⁶

16 *Asy que con esta pesada carga de umanos respetos, maravíllanse o anse maravillado algunas personas, e avn lo tienen por dubdoso e como ymponible, que mujer haga tractados ni entienda en hazer alguna obra sentida [que] se[a] buena. E sy los varones hazen libros e compendios tractados no se maravillan, ca es atribuydo a su mismo seso e suficiencia de entendimiento de aquel que los haze, e a las grandes e naturales çienças que saben; e nada refieren a gloria de Dios, ni creo que se acuerden dónde vinieron las naturales ciencias que los varones aprenden en los estudios, e los que las saben dónde las ouieron e quién se las enseñó. Ca si bien lo considerasen, fallarían que los que agora son maestros, en otro tiempo fueron diçípulos, e aquéllos cuyos diçípulos fueron, otro maestro los mostró. E asy, enseñando los vnos a los otros e aprendiendo, son venidas las ciencias a las manos de aquellos que agora las tienen e saben.* (Teresa de Cartagena, *Admiraçion operum Dey*, L.Hutton (ed.), p. 126-27 [fol. 58r-58v]).

Há outra argumentação dedutiva formulada por Cartagena que envolve a hierarquia relacionada à importância de Adão e de Eva. É uma pergunta provocativa que ela, no entanto, avisa que não pretende responder por considerar que fazê-lo levaria à “arrogância mundana”. Teresa questiona quem teria mais vigor, se Adão, que precisou de ajuda, ou Eva, que lhe ajudou? Em outras palavras, se ela foi criada para ajudá-lo, quem seria mais vigoroso, quem ajuda ou quem é ajudado?

Sobre a mulher ser a ajudadora do homem, lemos no Gênesis que depois que Deus formou o homem do barro da terra e insuflou nele o espírito de vida, disse: “Não é bom que o homem esteja só, façamos-lhe uma ajudadora semelhante a ele”. E bem se poderia discutir aqui quem tem maior vigor, quem é ajudado ou quem ajuda? Já vedes o que a razão responde a isso. Mas, esses argumentos e questões conduzem à arrogância mundana e vã, não beneficiam em nada a devocão e fogem muito do propósito e de minha intenção. A qual não é, nem agradaria a Deus que fosse, ofender o estado superior e honrado dos prudentes homens, nem favorecer o feminino, mas somente louvar a onipotência, sabedoria e magnificência de Deus. E que tanto nas mulheres quanto nos homens ele pode inspirar e fazer obras de grande admiração e magnificência para o louvor e glória do santo Nome,

até mesmo se quiser que os animais selvagens o louvem em lingua falada, ele pode fazê-lo.¹⁷

Outro ponto que gostaríamos de ressaltar no texto de Teresa refere-se à analogia que ela faz entre a pluma e a espada. Para falar sobre isso, ela parte de uma história do Velho Testamento envolvendo Holofernes e Judite, aquela que, segundo ela, fez o que ninguém tinha conseguido fazer: lutou e venceu o exército de Holofernes. E ela logo antecipa que provavelmente os homens vão dizer que isso aconteceu pela graça especial que Deus deu à Judite, no que ela diz concordar, mas acrescenta que “nisso parece que a indústria e a graça soberanas excedem as forças naturais e viris, pois aquilo que um grande exército de homens armados não poderia fazer, a indústria e a graça de uma única mulher fizeram”:

Dizei-me, virtuosa senhora, que homem de tão forte e valente temperamento e de tão vigoroso coração poderia ser achado em tempos passados, ou mesmo, creio eu, neste tempo que chamamos nosso, que ousaria portar armas contra tão grande e forte príncipe como foi Holofernes, cujo exército cobria toda a face e confins da terra, quando uma mulher não teve medo de fazê-lo? E sei muito bem que os varões dirão que

17 *De ser la hembra ayudadora del varón, leémoslo en el Génesy, que después que Dios ovo formado el onbre del limo de la tierra e ovo ysp[i]rado en él espíritu de vida, dixo: "No es bueno que sea el onbre solo; hagásmosle adjutorio semejante a él". E bien se podría aquí arguir quál es de mayor vigor: el ayudado o el ayudador: ya vedes lo que a esto responde la razón. Mas porque estos argumentos e quistiones hazen a la arrogancia mundana e vana e non aprovechan cosa a la devoción, e huyen mucho del propósito e final entención mía, la qual no es, ni plega a Dios que sea, de ofender al estado superior e onorable de los prudentes varones, ni tampoco fauorescer al fimíneo, mas solamente loar la onipotencia e sabiduría e magnificēcia de Dios, e que asy en las hembras como en los varones puede yspirar e fazer obras de grande admiración e magnificēcia a loor y gloria del santo Nombre; avn sy quisyere que los animables brutos le loen con lengua fablante, bien lo puede hacer.* (Teresa de Cartagena, *Admiraçōn operum Dey*, L.Hutton (ed.), p. 118 [fol. 53v-54r]).

isso aconteceu por especial graça e diligência dada por Deus à prudente Judite - e digo-o também. Mas nisso parece que a indústria e a graça soberanas excedem as forças naturais e viris, pois aquilo que um grande exército de homens armados não poderia fazer, a indústria e a graça de uma única mulher fizeram. E a indústria e a graça, quem as considera pequenas preeminências senão quem não sabe o que são? Certamente são duas coisas tão singulares que a quem quer que Deus queira dar, seja homem ou mulher, compreenderá coisas maravilhosas e trabalhará com elas se quiser esforçar-se e não as confiar à ociosidade e à negligência.¹⁸

E a analogia entre a pluma e a espada, que ela escolhe em sua argumentação, parece deixar claro a sua consciência da diferença entre os sexos feminino e masculino, uma diferença que ela quer enriquecedora da experiência e natureza humanas. Teresa constrói uma narrativa muito bem elaborada e cuidadosa que procura dosar o enaltecimento do sexo masculino, ressaltando sua coragem, disposição e força, com a defesa da aptidão feminina para as atividades intelectuais. Ela fecha seu argumento com essa analogia sensacional que informa sobre o mundo masculino e o mundo feminino e

¹⁸ *Dezidme, virtuosa señora, ¿quál varón de tan fuerte e valiente persona ni tan esforçado de corazón se pudiera hallar en el tiempo pasado, ni creo que en este que nuestro llamamos, que osará llevar armas contra tan grande e fuerte príncipe como fué Olinfernes, cuyo exército cobría toda la haz e término de la tierra, e no ovo pavor de lo fazer vna muger? E bien sé que a esto dirán los varones que fué por especial gracia [e] yndustria que Dios quiso dar a la prudente Iudit. E yo así lo digo, pero segund esto, bien paresce que la yndustria e gracia soberana exceden a las fuerzas naturales e varoniles, pues aquello que grant exército de onbres armados no pudieron hazer, e fizolo la yndustria e gracia de vna sola muger. E la yndustria e gracia, ¿quién las ha por pequeñas preminencias syno quien no sabe qué cosas son? Ciertamente son dos cosas asy syngulares que a quien Dios darlas quiere, agora sea varón o sea hembra, marauillosas cosas entenderá e obrará con ellas sy quisiere exerçitarse e no l[a]s encomendar a ociosidad y nigligencia.* (Teresa de Cartagena, *Admiraçon operum Dey. L.Hutton (ed.), pp. 119 [fol. 54v.]*).

sobre as profundas diferenças entre eles, diferença que ela traz na vinculação dos dois sexos a esses instrumentos, um para a guerra e outro para a escrita, a espada e a pluma. Ao perguntar por que Deus negaria às mulheres aquilo que é mais leve de realizar, já que lhe negou aquilo que é mais pesado, indaga se a eloquência, o conhecimento e o uso da pluma não seriam mais próprios das mulheres, já que a força física, a ousadia e o uso da espada não são:

Pois, se Deus negou ao estado feminino graça e diligênciia para fazer coisas difíceis que excedem a força de sua natural condição, como Ele negará às mulheres Sua graça para que com ela e por meio dela conheçam e possam fazer outra coisa que ao sexo feminino seja mais fácil ou mais leve de fazer? E manifesto é que para uma mulher é mais conveniente ser eloquente do que ser forte, e é mais honesto ser conchedora do que ousada, e mais fácil lhe será usar a pluma do que a espada.¹⁹

Finalizando nossos comentários sobre a obra, trazemos uma frase de Teresa que não deixa dúvidas sobre o conflito de seu tempo, um conflito de profunda violência simbólica para com as mulheres, mas que, ao lançar ambos os sexos em um longo debate, nos permite conhecer as manifestações de algumas mulheres do passado que nele se envolveram, manifestações improváveis para o público da contemporaneidade, um público tão pouco conchedor da experiência feminina nessa história dita de todos, e que, por isso mesmo, costuma ser menos das mulheres:

19 *Pues sy Dios negó al estado fímíneo gracia [e] yndustria para hazer cosas dificultosas que sobran a la fuerça de su natural condición, ¿cómo los negará la gracia suya para [que] con ella e mediante ella sepan e puedan fazer alguna otra cosa que sea más fácil o ligera de fazer al sexu fímíneo? Que manifiesto es que más a mano viene a la hembra ser elocuente que no ser fuerte, e más onesto la es ser entendida que no osada, e más ligera cosa le será vsar de la pénola que del espada.* (Teresa de Cartagena, *Admiraçón operum Dey.* L.Hutton (ed.), pp. 119-120 [fol. 54v.]).

Assim, que dúvida tão perdoada é duvidar que uma mulher entenda algo de bom e saiba fazer tratados, ou alguma outra obra boa e louvável, mesmo que isso não seja costumeiro no estado feminino?²⁰

Sobre a tradução

Esta tradução de *Admiração Operum Dei*, inédita em língua portuguesa, foi realizada a partir da edição do manuscrito feita por de Lewis J. Hutton. Outras edições também foram consultadas, além do próprio manuscrito medieval.²¹

Quanto aos critérios desta tradução, pontuamos a decisão de aliar a compreensão do conteúdo do texto com uma linguagem que não fosse coloquial, ou seja, criar um texto que pudesse ser compreendido, mas que mantivesse as características próprias de um texto antigo. Assim, privilegiamos um estilo mais arcaico da

20 *Pues, ¿qué debda tan escusada es dubdar que la muger entienda algund bien e sepa hazer tractados o alguna otra obra loable e buena, aunque no sea acostumbrado en el estado fimineo?* (Teresa de Cartagena, *Admiraçón operum Dey*, L.Hutton (ed.), p. 118-19 [fol. 54r]).

21 As duas obras conhecidas de Teresa de Cartagena, *Arboleda de los enfermos* e *Admiraçón Operum Dei*, compõem o manuscrito h-III-24 da *Real Biblioteca de El Escorial*. Além da edição de Lewis Hutton, bastante fiel ao manuscrito, consultamos a de María del Mar Cortés Timoner, que no entanto não traz o texto completo de *Admiraçón Operum Dei* (CORTÉS, 2022). Consultamos também a tradução francesa de Ghislain Baury (Baury, 2021).

língua portuguesa, possibilitando que o texto desta tradução se mantivesse mais próximo ao manuscrito em castelhano antigo.²²

Esclarecemos, igualmente, que em geral mantivemos as concordâncias de gênero do manuscrito, que traz com frequência a opção por “pessoa” no lugar de “homem”, a forma genérica que já existe no período e que passará a predominar nos séculos seguintes. Em algumas ocasiões, porém, a autora também adota o genérico masculino, nesses caso, sempre que foi possível, resolvemos o problema com o uso de “pessoa”, que foi a escolha dela, como dissemos, na maioria das vezes. Por exemplo, substituímos “pobre” por “pessoa pobre”.

Por fim, observamos nossa escolha por um texto sem os sinais pouco usuais de pontuação, como é o caso dos colchetes, que servem para indicar as correções e acréscimos feitos ao texto pelo editor/a. Esses colchetes são muito comuns nas transcrições e edições de manuscritos, constante da edição com a qual trabalhamos, a de Lewis Hutton. Nesta tradução, suprimimos esses sinais, acatando as soluções do editor.

22 Nenhuma língua românica está já normatizada no século XV, algumas já estão em processo de normatização, como é o caso do castelhano, cuja primeira gramática é de 1492.

Bibliografia

Fonte manuscrita

CARTAGENA, Teresa de. *Admiraçón operum Dey* [fols. 50r.^o-66r.^o], ms. h-III-24 de la Biblioteca de El Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, Madrid.

Edições consultadas

HUTTON, Lewis Joseph, (ed.). *Teresa de Cartagena. Arboleda de los enfermos - Admiraçón operum Dey*. Anejos del Boletín de la Real Academia Española, Anejo XVI. Madrid: Real Academia Española, 1967.

BAURY, Ghislain, (ed. y trad.). *Thérèse de Carthagène. Bosquet des malades – Admiration des oeuvres de Dieu. Paroles et silence d'une femme dans la Castille du XVe siècle*. Paris: e-Spania Books Colección, 2021.

CORTÉS TIMONER, María del Mar (ed.). *Teresa de Cartagena. Arboleda de los Enfermos/ Admiraçón Operum Dei (selección)*. Madrid: Clásicos Hispánicos (101), 2022.

Aquijomeneca don breue tratado el qual unicamente nõ se
puede llamar ad mpracion operum dey compusole tricfa
de Cartasena Religiosa dela orden de apetacion e fuego
dela señora dona Ingrata demedra muger del señoz gomes mañique

Aquerdone virtuoza señora que me ofresh a esteun abradis
areon Si he tanto tardado delo Quarimdar alqobz no
voso deys maravillar cumuchos enaçida la voluntat qñ
ladi spusyaon dela persona no Conserua onella antes avn la y pide
e Contrasta sy Consyderardez virtuosa señora las enfermitades e
principales paſſiones que de Contnuo he por famliques bié Conoscea
vra diſtreon que mudio Son estorvadoras delos monymetros dela
voluntad e no vienç turbadoras del Entedum El qual fangado.
Turbado co aquello quela quela memoria Onatural Sétim de pre
sente le ofresten asy como coſtituy de propia neceſydad Reoſe en
sy mesmo la deliberacion dela voluntad Con todos ynteriores mom
ientos Quantodee quelas sus fuerças yntelectuales son enflaqueadas por cui
sadelos yadichos extremeros turbas El avn a todo esto ya ſeria pa
gada Esta debda que por my palabria soy debitora ſyla ſoledad mi
Se Contentase con los mis corporales afanes y nome Causafe co
panja secreta e danios llena de ynteriores combates y eſpiales peligro
Con muchedumbre de danos e variables priſamis los quales Alſoruno
una gueſte de gente Armada cercan de Cada parte la anguilla a
unha mya Pues que haua El entedum flacoz mugeril desque ſe
vele puesto entre tantos e tui peligrosos lagos Caē de ferir ſe de aquello
que clama mente eſmalo tiechias trabajo E en conoſtrr aquello
ſo color de bueno El rro adverſario le ofrecer ſo tanto enflaqueadas
sus fuerças que hy la virtud soberana nõ le eſſerica e alumbría nocece
nel virtud ni Sanidad alguna. Iſly q my diſtreta señora ſytadie
diſtreto ſentido la diuerſidad e Calidad destos Eſpiales rocultos eſ

Ximenes



Página inicial do manuscrito *Admiraçion operum Dei*, manuscrito h-III-24
do Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial.

Admiração das obras de Deus

Teresa de Cartagena

Aqui começa um breve tratado que pode ser adequadamente chamado de Admiração das obras de Deus. Teresa de Cartagena, religiosa da ordem de²³, o compôs a pedido e súplica da senhora Dona Juana de Mendoza, mulher do senhor Gómez Manrique.

Lembro-me, virtuosa senhora, que me ofereci a escrever por seu bom juízo. Se tanto tardei em entregar-me à obra, não vos deveis maravilhar, pois a vontade diminui muito quando a disposição da pessoa não concorda com ela e, pelo contrário, a impede e resiste. Se considerardes, virtuosa senhora, as doenças e sofrimentos corporais que sempre me foram familiares, a vossa discrição saberá que eles são muito perturbadores dos movimentos da vontade, e não menos perturbadores do entendimento, que, cansado e perturbado com aquilo que a memória e o sentimento natural lhe oferecem no presente, e também obrigado pela própria necessidade, reduz dentro de si a deliberação da vontade com todos os movimentos interiores. E ele a impede e atrasa ainda mais na execução da obra ao ver que suas forças intelectuais estão enfraquecidas por causa das ditas cargas externas.

E mesmo com tudo isso, esta dúvida, que pela minha palavra sou devedora, já estaria paga, se a minha solidão se contentasse apenas com

23 N.T.: não consta o nome da ordem no manuscrito.

minha fadiga corporal e não me causasse uma nociva companhia secreta, cheia de combates internos e perigos espirituais, com uma multidão de vãos e inquietos pensamentos, que, como uma tropa de gente armada, cercam minha alma angustiada por todos os lados. Pois, o que fará o entendimento fraco e mulheril ao se ver colocado entre tantas armadilhas perigosas? Porque, já lhe dá muito trabalho defender-se daquilo que claramente é mau, e a sua força está tão diminuída para reconhecer o que o nosso adversário lhe oferece sob a aparência de bem que, se a Virtude soberana não o fortalece e ilumina, não haverá mais nele qualquer virtude ou cura.

Portanto, mui discreta senhora, que o vosso discreto senso perceba a diversidade e a qualidade desses escândalos espirituais e ocultos, bem como outros de não menos qualidade e quantidade que a vossa prudência possa bem compreender. Males esses, com a sua grande força, como enchentes de muitas águas, corromperam o muro da minha débil discrição e levaram pela raiz tudo o que encontraram e o que o meu entendimento tinha preparado para confiar à pena. E somente a causa sobre a qual decidi escrever me vem à memória; e como a fundação ficou por fazer, talvez o edifício não seja tão bom quanto deveria para ser apresentado ao vosso grande critério, mas assim pequeno e fraco como de minha pobre faculdade se espera.

Já que a árvore ruim, segundo a sentença da soberana Verdade, não pode produzir bons frutos, que boa palavra ou que obra devota deveis esperar de uma mulher tão doente no corpo e assim ferida na alma? Mas ergueri meus olhos aos montes de onde me vem o auxílio, para que Aquele que dá força aos fracos e entendimento aos pequenos abra a arca de sua divina grandeza, deixando fluir a fonte de sua abundante graça sobre esta terra estéril e seca para que a mulher pecadora, e afastada da virtude, sai-

ba formar palavras em louvor e glória ao Santo dos santos e Senhor das virtudes. E para não me afastar muito do propósito ou fundamento da minha escrita, a causa é esta que segue.

INTRODUÇÃO²⁴

Muitas vezes fui levada a entender, virtuosa senhora, que alguns homens prudentes, e até mesmo mulheres discretas, se maravilham ou se maravilharam com um tratado que, a graça divina administrando meu fraco entendimento mulheril, com minha mão escreveu. E como é uma obra pequena, de pouca substância, fico maravilhada. E não é de acreditar que homens prudentes se rebaixassem a querer-se maravilhar com tão pouca coisa. Porém, se seu maravilhar é verdadeiro, bem parece que não é duvidosa a minha ofensa, já que manifestada não é essa admiração por mérito da escrita, mas por defeito da autora ou compositora dela, como vemos por experiência quando alguma pessoa de entendimento simples ou rude diz alguma palavra que nos parece um tanto sensata. Ficamos maravilhados com ela não porque suas palavras sejam dignas de admiração mas porque o próprio ser dessa pessoa é tão reprovado e baixo, e tido em tal estima, que não esperamos nada de bom dela. E, por isso, quando acontece pela misericórdia de Deus que tais pessoas simples e rudes digam ou façam certas

24 N.T.: aparece no manuscrito o título *Introducción*.

coisas, mesmo que não sejam totalmente boas mas comuns, muito nos maravilhamos pela razão já dita.

E creio que pela mesma razão, certamente, os prudentes homens se maravilharam com o tratado que fiz, não porque nele haja algo muito bom ou digno de admiração, mas porque o meu próprio ser e meu justo merecimento, com a adversa fortuna e acrescidos sofrimentos, clama contra mim e chama todos para se maravilharem, dizendo: “Como em alguém em que tantos males residem pode haver algum bem? E daí resultou que a obra mulheril e de pouca substância, que digna é de repreensão entre os homens comuns e, com muita razão, foi tornada digna de admiração na consideração de grandes e destacáveis homens, pois não é sem motivo que o prudente se maravilha ao ver que o néscio sabe falar. Que diga quem quiser que tal admiração é elogio, que para mim parece insulto. E, por minha vontade, prefiro que me ofereçam insultos caluniosos do que elogios vãos, já que nem me pode machucar o insulto nem posso aproveitar dos elogios vãos. Assim, eu não quero usurpar a glória alheia nem desejo fugir do próprio insulto.

Mas há outra coisa que não devo permitir, uma vez que a verdade não consente. Porque parece que os prudentes não só se maravilham do dito tratado, mais ainda, alguns não conseguem acreditar que eu fizesse tão bem para que verdade fosse, pois se há em mim ainda menos do que se supõe, bens maiores são encontrados na misericórdia de Deus. E como me disseram, virtuosa senhora, que a dita pilha de papéis rabiscados chegou ao conhecimento do senhor Gómez Manrique e ao vosso, não sei

se a dúvida em torno do tratado se apresentou ao seu bom julgamento. E como as boas obras aos olhos da soberana Verdade sejam verdadeiras e corretas, não faz muito mal se o discernimento e o julgamento dos seres humanos a considerarem duvidosa. Mas isso pode arruinar e arruína a substância do escrito, e até parece diminuir grandemente o benefício e a graça que Deus me deu. Portanto, para honra e glória desse soberano e generoso Senhor de cuja misericórdia a terra está cheia, eu, que sou um pequeno pedaço de terra, atrevo-me a apresentar ao seu grande critério isso que ao meu pequeno e fraco por ora se oferece.

É verdade, mui discreta e amada senhora, que todas as coisas que a onipotência de Deus fez e faz no mundo são de grande admiração para o nosso senso humano, então a mínima coisa que este soberano e potentíssimo Criador fez e faz, não é de menor admiração que a maior. Isto porque a menor coisa no mundo, assim como a maior, não poderia ser encontrada se a onipotência de Deus não a fizesse. Pois, se todas as coisas, pequenas e grandes, criadas e feitas pela onipotência de Deus são maravilhosas e de grande admiração, assim como tudo que lhe agradou e agrada fazer, tudo o que fez e faz e pode fazer no céu e na terra, por que nos maravilharmos mais com algumas coisas do que com outras?

E parece que, dessa simples pergunta, recebo resposta que me satisfaz no glorioso doutor Santo Agostinho, na homilia sobre o Evangelho que narra o milagre que o nosso Redentor fez com os cinco pães. E diz assim: “Milagre maior é governar e não

a multiplicação de cinco em cinco mil pães”²⁵. E disso ninguém se maravilha e, no entanto, de poucos grãos nascer muitas espigas não é milagre menor do que com poucos pães saciar e fartar muitos homens. E este santo e doutor acrescenta mais na frase seguinte, dizendo: “Isso é assim considerado não porque seja algo superior, mas porque poucas vezes ou raramente sucede”.²⁶ E parece-me que ele quer concluir que a causa do nosso espanto não é porque as obras realizadas pela onipotência de Deus sejam de menor admiração do que as outras obras, mas porque essas que vemos cotidianamente tomamos como algo natural. E aquelas que nunca ou raramente sucedem nos causam admiração porque não são costumeiras nem realizadas no mundo. Mas, se quisermos elevar o entendimento para contemplar ou considerar bem as obras de Deus, descobriremos que aquelas que, por curso natural, vemos acontecer diariamente não são menos maravilhosas ou menos dignas de admiração do que aquelas que raramente ocorrem em longos intervalos de tempo. Então, voltando ao propósito, creio eu, mui virtuosa senhora, que a razão pela qual os homens se maravilham que uma mulher tenha feito um tratado é por não ser costume no estado feminino, mas apenas no masculino. Como os homens fazem livros e aprendem ciências e as utilizam, e como as têm usado desde os tempos antigos, parece ser algo natural e por

25 Agostinho, Sermão CXXX: “*Miraculum grande factum est, dilectissimi, ut de quinque panibus et duobis piscibus saturarentur quinque hominum millia, est residua fragmorum implerent duodecim cophinos. Grande miraculum: sed non multum mirabimur factum, si attendamus facientem*” (Hutton, p. 151, nota 95).

26 Ibidem: “*Sed quia illud omni anno facit, nemo mirator. Admirationem tollit non facti vilitas sed assiduitas.*” (v. Hutton, p. 151, nota 96).

isso ninguém se maravilha. E como as mulheres não as utilizam, nem aprendem as ciências, nem têm um entendimento tão perfeito quanto os homens, isso é tido como uma maravilha.

Mas não é maravilha maior, nem é menos fácil ou insignificante para a onipotência de Deus, fazer uma coisa ou outra, porque Aquele que poderia e pode infundir as ciências no entendimento dos homens, pode, se quiser, infundi-las no entendimento das mulheres, embora possam ser imperfeitas ou não tão capazes ou suficientes para recebê-las ou retê-las como o entendimento dos homens. Porque a grandeza divina pode muito bem remediar essa imperfeição, e pequena capacidade, e até removê-las completamente e dar perfeição e habilidade tanto no entendimento feminino quanto no masculino, porque a capacidade que os homens têm não é deles, pois Deus lhes deu e dá. Onde o Apóstolo diz: “Não somos idôneos ou capazes de conceber nada de nós mesmos, pois a nossa suficiência vem de Deus”.²⁷ E se a capacidade dos homens vem de Deus e Deus a dá a cada um conforme a medida de seu dom, por que razão nós mulheres duvidaremos de tê-la no momento oportuno e conveniente, como e quando Ele achar necessário? E deveis considerar, minha grande senhora, que Deus criou a natureza humana quando ela não existia. Pois,

²⁷ II Coríntios 3, 5: Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus. Sobre as citações bíblicas, escolhemos a chamada Almeida Corrigida Fiel (ACF), baseada na tradução para a língua portuguesa de João Ferreira de Almeida (1628-1691), o primeiro tradutor da Bíblia para o português. Bíblia Sagrada Almeida Corrigida Fiel (ACF). Sociedade Trinitária do Brasil. 2011. Todas as notas de rodapé relacionadas aos comentários da autora das Sagradas Escrituras são notas da tradutora baseadas nos comentários do editor do manuscrito.

se Ele criou algo tão grande do nada, como não poderia fazer algo a partir do já criado?

Este poderosíssimo Criador fez primeiro o sexo viril e, em segundo lugar, e como ajudadora dele, ele fez a mulher. E se Ele deu algumas preeminências mais ao homem do que à mulher, eu realmente acredito que ele não o fez por ser obrigado a conceder mais graça a um estado do que ao outro, mas o fez por esse mesmo e secreto propósito que só Ele conhece. Onde diz São Jerónimo no sermão da Assunção de Nossa Senhora: “Este Senhor é tal e tão grande, imenso e bom, que só Ele se comprehende ou só Ele se conhece”, e *cetera*.²⁸ Como se dissesse abertamente que é tanta a onipotência, magnificência e excelência deste soberano Senhor, tanta é a profundidade de seus divinos e maravilhosos segredos, são tais e tão proveitosos os fins e razões de suas santas obras, quantas e quais só Ele conhece, só Ele sabe.

Mas, deixando de lado esses ocultos e divinos segredos, que em muito ultrapassam e excedem o entendimento humano, quero perguntar qual é a maior e principal preeminência que Deus deu mais ao homem do que à mulher, e a minha simplicidade responde que, entre outras preeminências que Deus quis proporcionar ao sexo masculino mais do que ao feminino, está esta e, ao meu ver, a principal: o de ser o homem forte e valente, de grande espírito e ousadia e de entendimento mais perfeito e sô; e a mulher, ao contrário, é pequena, fraca e medrosa. Pois vemos que um homem esperaria por um touro bravo com mais ousadia e força

28 N.T.: esta parece ser uma citação aproximada de um texto de Paschase Radbert que, no período, foi atribuído a São Jerónimo (Cf. Baury, Ghislain, (ed. y trad.), *Thérèse de Carthagène, 'Bosquet des malades' – 'Admiration des oeuvres de Dieu'*. Paroles et silence d'une femme dans la Castille du XVe siècle. Paris: e-Spania Books Colección, 2021).

do que uma mulher esperaria por um rato que passa por suas saias. E, da mesma forma se nós, mulheres, virmos uma espada desembainhada, mesmo sabendo que nenhum mal nos será feito com ela, por sermos naturalmente tão medrosas, só de olhá-la ficamos com muito medo. E os homens não temem usá-la nem receber no corpo os golpes cruéis e fortes do ferro.

E Deus criou essas diferenças e oposições numa mesma natureza, vale dizer, humana, para aquela finalidade única, e segredo maravilhoso, que só Ele conhece. Eu, com minha ignorância, atrevo-me a dizer que o Pai celestial assim fez para a preservação e ajuda um do outro. Porque tudo o que o Senhor criou e fez na face da terra ele proveu e guarneceu com provisões maravilhosas e defesas muito firmes.

E se quiserdes olhar bem as plantas e as árvores, vereis como as cascas externas são muito duras, fortes e resistentes às tempestades que o tempo provoca, às águas, aos gelos, aos calores e frios. Elas estão embutidas e feitas de tal maneira que não parece ser outra coisa senão uma cobertura firme e áspera para conservar e ajudar o miolo que está guardado em seu interior. E ambos estão unidos de tal maneira que a força e a resistência da casca guardam e conservam o miolo, suportando as tempestades externas. O miolo, por ser fraco e delicado, estando dentro, trabalha interiormente, dando força e vigor à casca, e assim cada um conserva e sustenta o outro, e isso nos dá a cada ano a diversidade ou abundância dos frutos que vedes.

E, nesse mesmo sentido, penso que o supremo e poderoso Senhor quis e quer trabalhar estas duas oposições na natureza humana, a saber: o estado masculino, forte e valente, e o feminino, fraco e delicado. Porque os homens, com a sua força, coragem e capacidade de entendimento,

conservam e guardam as coisas externas, tanto procurando, gerindo e sabendo obter os bens da fortuna, como dirigindo, governando e defendendo a sua pátria e terras dos inimigos, e por todas as outras coisas que são indispensáveis para a preservação e benefício da república – e, portanto, de suas propriedades e pessoas particulares. Para isso é bastante adequado e é necessário que sejam robustos e fortes, corajosos e também de importante e altíssimo entendimento. E as mulheres, por serem fracas, medrosas e não sofrerem os grandes perigos e trabalhos que o suprimento, o governo e a defesa das coisas mencionadas exigem, estando apenas reclusas ou encerradas em casa, dão aos homens a força, o vigor e, sem dúvida, significativa ajuda com sua indústria, seu trabalho e obras domésticas e delicadas. E assim se conserva e sustenta a natureza humana, feita de tão frágil edifício que sem estes exercícios e trabalhos não poderia viver.

É por isso que essas mencionadas preeminências dos homens - de serem valentes, de grande disposição e suficiente entendimento, e qualquer outro que Deus lhes tenha dado - não são em detrimento das mulheres; nem a fraqueza e a covardia do estado feminino outorga, por isso, maior excelência ao homem. Mas, esses contrários são um arranjo maravilhoso que a altíssima sabedoria de Deus ordenou. Onde o Profeta diz: “Você fez todas as coisas com sua sabedoria”²⁹ E, assim, se Deus quis tornar o sexo viril ou varonil robusto ou corajoso e o feminino pequeno e de pouco vigor, não se deve acreditar que ele o fez para dar mais vantagem ou excelência a um estado que ao outro, mas apenas, creio eu, pela razão já mencionada, a saber: porque ajudando um ao outro a natureza

²⁹ Salmos 104, 24: Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras! Todas as coisas fizeste com sabedoria; cheia está a terra das tuas riquezas.

humana seria preservada e as obras maravilhosas de sua onipotência, sabedoria e bondade seriam mostradas.

Sobre a mulher ser a ajudadora do homem, lemos no Gênesis que depois que Deus formou o homem do barro da terra e insuflou nele o espírito de vida, disse: “Não é bom que o homem esteja só, façamos-lhe uma ajudadora semelhante a ele”³⁰ E bem se poderia discutir aqui quem tem maior vigor, quem é ajudado ou quem ajuda? Já vedes o que a razão responde a isso. Mas, esses argumentos e questões conduzem à arrogância mundana e vã, não beneficiam em nada a devoção e fogem muito do propósito e de minha intenção. A qual não é, nem agradaria a Deus que fosse, ofender o estado superior e honrado dos prudentes homens, nem favorecer o feminino, mas somente louvar a onipotência, sabedoria e magnificência de Deus. E que tanto nas mulheres quanto nos homens ele pode inspirar e fazer obras de grande admiração e magnificência para o louvor e glória do santo Nome; e se ele quisesse que os animais selvagens o louvassem com língua falada, ele pode fazê-lo.

Assim, que dúvida tão perdoada é duvidar que uma mulher entenda algo de bom e saiba fazer tratados, ou alguma outra obra boa e louvável, mesmo que isso não seja costumeiro no estado feminino? Pois, este poderoso Senhor soberano que deu preeminências ao homem para que pudesse tê-las natural e continuamente, pode muito bem dá-las à mulher graciosamente e no devido tempo, pois sua profunda sabedoria sabe o que é apropriado, e ele fez isso algumas vezes, e mesmo que não tenha feito, pode fazê-lo. E acredito certamente mui amada senhora, que não há nada mais difícil ou

³⁰ Gênesis 2, 18: E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele.

perigoso para uma criatura humana do que contrariar sua condição natural ou fazer algo que vai contra a sua própria natureza e vigor; como aquele que é naturalmente fraco e medroso derrotar o valente ou aquele que é simples e ignorante ensinar o prudente, coisas muito difíceis e até mesmo impossíveis para as forças humanas. Portanto, sendo natural e certo que uma mulher seja fraca, tímica e medrosa, quem a visse agora usando a espada ou defendendo sua pátria dos inimigos ou fazendo outro trabalho de grande ousadia e vigor, como nos maravilharíamos com isso! Mas essa maravilha já foi feita em tempos passados e Aquele que é o único que fez e faz maravilhas poderá fazê-la no nosso tempo quando lhe aprouver.

Dizei-me, virtuosa senhora, que homem de tão forte e valente temperamento e de tão vigoroso coração poderia ser achado em tempos passados, ou mesmo, creio eu, neste tempo que chamamos nosso, que ousaria portar armas contra tão grande e forte príncipe como foi Holofernes, cujo exército cobria toda a face e confins da terra, quando uma mulher não teve medo de fazê-lo? E sei muito bem que os homens dirão que isso aconteceu por especial graça e diligência dada por Deus à prudente Judite - e digo-o também. Mas nisto parece que a indústria e a graça soberanas excedem as forças naturais e viris, pois aquilo que um grande exército de homens armados não poderia fazer, a indústria e a graça de uma única mulher fizeram.

E a indústria e a graça, quem as considera pequenas preeminências senão quem não sabe o que são? Certamente são duas coisas tão singulares que a quem quer que Deus queira dar, seja homem ou mulher, compreenderá coisas maravilhosas e tra-

lhará com elas se quiser esforçar-se e não as confiar à ociosidade e à negligência. Pois, se Deus negou ao estado feminino graça e diligência para fazer coisas difíceis que excedem a força de sua natural condição, como Ele negará às mulheres Sua graça para que com ela e por meio dela conheçam e possam fazer outra coisa que ao sexo feminino seja mais fácil ou mais leve de fazer? E manifesto é que para uma mulher é mais conveniente ser eloquente do que ser forte, e é mais honesto ser conchedora do que ousada, e mais fácil lhe será usar a pluma do que a espada. Por isso, deveriam notar os prudentes homens que Aquele que deu diligência e graça a Judite para realizar um ato tão maravilhoso e famoso, pode muito bem dar diligência, compreensão e graça a qualquer outra mulher para fazer o que outras mulheres, ou talvez alguns do estado varonil, não saberiam.

E quem quiser dizer que não é a mesma coisa, e que é porque esta prudente Judite era uma mulher virtuosa e santa e uma grande guardiã da lei de Deus, que através dos seus bons méritos Deus lhe concedeu este benefício tão singular, e que isso não significa que as outras mulheres devam receber tal habilidade e graça singulares. Ao que respondo que é verdade: Judite era uma mulher santa e muito diligente em guardar a lei de Deus e uma grande amiga de orações e jejuns e de todo exercício santo; mas sabemos que Deus não dá benefícios nem graças aos homens em razão dos méritos de cada um, mas apenas por si mesmo e em razão de sua bondade inestimável.

Na verdade, se o Pai celeste dispensasse e repartisse os seus benefícios apenas pela santidade, justiça e bons méritos

das criaturas humanas, penso que todos os bens que temos na terra ascenderiam ao céu. Também não devemos acreditar que Deus age à maneira e costume que têm os reis e príncipes da terra, pois aos que convivem com eles e fazem as suas vontades, concedem graças e mercês, e aos que não os servem suficientemente de acordo com as suas vontades, e que não se curvam a elas, não lhes concedem nenhum benefício. O Rei dos reis e Senhor dos senhores não faz assim, porque tanto aos pecadores como aos justos, tanto aos maus como aos bons, tanto aos que o ofendem como aos que o servem bem, a todos dá misericórdias e graças. E Ele somente faz isso em virtude de sua grande bondade e misericórdia.

Por isso o Apóstolo diz: “Não há familiaridade das pessoas com Deus, e *cetera*”³¹. Porque, essas predileções e especiais afeições não pertencem a Deus, que é o Pai de todas as criaturas, e como Pai de todos Ele é generoso e misericordioso com todos. E parece-me também que é isso que canta a Igreja no primeiro Introito³² da Quaresma, onde diz: “De todos benficiante, mercê recebas de todos, Deus, pois não te desagradaste de nenhuma das coisas que no mundo criaste, e *cetera*.”³³

31 Ato aos Apóstolos 10, 34: E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas.

32 N.T.: introito (do lat. *introitus*), entrada ou começo de um escrito ou oração. Oração falada ou cantada que iniciava a missa.

33 N.T.: referente ao introito da missa de Quarta-feira de cinzas. Sabedoria: 11, 23-24: Porém, tu tens compaixão de todos, porque podes tudo, e não levas em conta os pecados dos homens, para que eles se arrependam. Amas tudo o que existe, e não desprezas nada do que criaste. Se odiasses alguma coisa, não a terias criado.

E assim, Deus é o grande Amante da criatura humana, e embora sejamos maus e pecadores, ele não nos despreza nem nos nega os benefícios da sua divina generosidade e grande misericórdia. Portanto, embora seja verdade que esta boa senhora e viúva honesta, Judite, seja uma mulher santa, os benefícios, graças e maravilhas que Deus concede vêm de uma fonte tão elevada, que ninguém, por mais santo que seja, não poderia merecer-las, se a bondade de Deus não o tornasse digno.

E embora os justos e os bons sejam mais dignos e em melhor condição do que os pecadores para receber esses bens da graça, quanto pior e mais indigno pecador é aquele que recebe esses bens, muito mais profunda, grandiosa e maravilhosa mostra-se a bondade, a misericórdia e a magnificência de Deus. E alguém talvez diga que embora seja verdade que Deus sempre concedeu e concede grandes bens e privilégios, tanto aos pecadores como aos justos, essas graças singulares de grande fama ocorrem raramente e, assim, nunca as vemos no estado feminino. E isso é verdade, mas quanto mais raramente Deus faz essas coisas, mais maravilhosas elas são, e quanto mais maravilhosas elas são, maior admiração elas causam ao nosso entendimento, e quanto mais admiração elas nos causam, mais nos ensinam a conhecer, a venerar e a louvar a magnificência, a onipotência e a sabedoria de Deus.

Assim, mui afortunada senhora, não me parece que haja outro motivo para esse espanto dos homens prudentes que se maravilham, senão o que foi dito no início deste breve tratado, a saber: que esse ato de compor livros e tratados não é habitual no estado feminino, porque todas as coisas novas ou inusitadas sempre causam admiração. Mas, aqueles que estão maravilhados devem notar que existe uma admiração, ou uma maneira de maravilhar-se, na qual

o Criador ou Inspirador daquela obra da qual nos maravilhamos é louvado e venerado, e que há outra admiração que não louva nem serve ao soberano Criador, pelo contrário, é um insulto e uma ofensa a ele. Portanto, é melhor observarmos bem o que nos maravilha e por que, para que nossa admiração seja em honra e glória d'Aquele cujo nome é admirável e maravilhosíssimo em toda a terra.

E a admiração pela qual o Senhor soberano é louvado, venerado e creio que também servido, é quando a admiração que temos por suas santas obras e maravilhosas inspirações se mistura com devoção e fé, quando acreditamos que sua onipotência e sabedoria podem e sabem fazer tudo. E assim como sua onipotência e sabedoria podem e sabem fazer tudo, por sua única e soberana bondade ele fez e faz, e quis e quer que seja tudo para nossa utilidade e benefício. E se destas já mencionadas excelências divinas, onipotência, sabedoria e bondade, tantos bens descem sobre os filhos desterrados de Eva neste vale de lágrimas, que abundantes benefícios e que graças singulares recebemos de sua grande misericórdia e perfeita caridade! Certamente, nenhum entendimento humano poderia entender, nenhuma língua falar, nenhuma mão escrever.

Pois, se com devoção e com sã disposição desejamos nos maravilhar pelas maravilhosas obras de Deus, devemos primeiro elevar nossa admiração às citadas excelências do mui excellentíssimo e eminentíssimo Pai, e, então, baixar nosso entendimento para nos maravilharmos com os bens e misericórdias, benefícios e graças que ele fez e faz às criaturas humanas. E devemos nos maravilhar, primeiramente, com os bens gerais, a saber: os bens da natureza e da fortuna, que são muito grandes e maravilhosos. E certamente encontraremos neles um espaço muito

grande onde nossa admiração poderá se estender. E depois disso, nos maravilharemos ainda mais com os bens singulares ou especiais, que são chamados de bens da graça.

E de quem é a graça senão de Deus? E embora todas as coisas que Deus fez no mundo sejam Suas, não há nada no mundo que possa ser tão singular e especificamente chamado “de Deus”, senão somente esta, convém saber: graça. Na verdade, embora saibamos que todos os bens da natureza e da fortuna, bem como tudo que há no céu e debaixo do céu, Deus fez e criou, dirige e governa por sua elevada e maravilhosa providência, e só Ele é o Senhor principal e natural de tudo isso. Contudo, os referidos bens da natureza e da fortuna não dizemos que são especialmente “de Deus” como dizemos da graça, porque sempre encontramos dona na terra para atribuí-los.

E a valentia e a coragem, a beleza e o bom entendimento que alguém tenha, não dizemos “de Deus”, mas “daquela própria pessoa”, ainda que ela o tenha da natureza que lhe proveu e que criou tais bens; nem as riquezas e propriedades, vilas e rendas que os homens possuem neste mundo chamamos “de Deus”, mas “da própria pessoa” que os possui. E sempre temos o costume de dizer que foi a sorte que lhes deu isso, ainda que não seja coisa certa de se dizer nem muito apropriada, na verdade. E é somente a graça que chamamos “de Deus”, pois é algo que Lhe é próprio, reservado e guardado em Seu santo seio para que ninguém além de Deus possa dar ou dispensar nos bens que são dela.

Vemos até que o Santo Padre, estando assim no lugar de Deus e como Seu vigário, parece proceder dessa forma, pois dá poder aos prelados da igreja para que possam dar e fornecer benefícios e graças a todo o estado clerical, e também às ordens, mas sempre reserva para si alguns

casos e dignidades, aqueles especiais e singulares, que ninguém mais possa dispensá-las, exceto Sua Santidade. E o Santo dos Santos, o Pai dos pais fez e faz isso porque deu os bens naturais e dá poder e força à natureza para que ela possa dá-los a nós. E os bens temporais, depois de tê-los feito, os subjugou ao domínio do homem; onde diz o Profeta: “Todas as coisas subjugaste sob os pés do homem, e *cetera*.³⁴” E deu e dá ao homem engenhosidade e arte para que saiba ganhar e possuir sob essa bandeira chamada de “fortuna”, mas que melhor seria chamá-la de “boa ventura”. Mas os bens da graça, por serem maiores e mais singulares, reservou para si mesmo, porque não poderíamos tê-los em razão da natureza ou da sorte da fortuna, nem por qualquer outra arte ou engenho humano, mas apenas pela bondade, misericórdia e graça de Deus. Por isso, na verdade, eles têm nome e título de “bens da graça”. E parece-me que queremos dizer “bens provenientes” ou “inspirados pela graça especial de Deus”, ou “bens de Deus que Deus dá graciosamente a quem ele quiser”. Porque para esses não convém examinar nem ater-se ao estado da pessoa, seja homem ou mulher; nem à disposição e capacidade do entendimento, que seja muito capaz ou completamente insuficiente; nem ao mérito das obras, que seja justo ou muito grande pecador. Porque a graça divina excede e supera tudo isto ou mais, e preenche abundantemente as lacunas dos nossos defeitos.

E diz o Apóstolo: “Onde abundou a ofensa, abundou ainda mais a graça, e *cetera*.³⁵” Pois, se onde abunda o pecado, que é

³⁴ Salmos 8, 6: Fazes com que tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo seus pés.

³⁵ Romanos 5, 20: Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça.

um defeito da alma, a graça abundou e pode abundar, por que não poderia abundar onde abundam outros defeitos e sofrimentos corporais, se estes não são pecados? E, certamente, pode-se dizer que onde abundam os nossos defeitos, a graça é abundante, pois se quisermos observá-la bem, descobriremos que o que a natureza e a fortuna negam ou mal distribuem, a graça abundante do Senhor reabastece e repara generosamente.

Portanto, parece claro que os ditos bens da graça são maiores e mais singulares do que os da natureza e da fortuna, isso ocorre por três razões: a primeira é porque superam a força da natureza humana, porque nela ou contra ela a graça divina fez e pode fazer coisas maravilhosas. A segunda porque são bens mais excelentes e duradouros, e de maior proveito e repouso para a alma do que os da fortuna. A terceira razão é porque descendem da mais alta fonte, a saber: da graça de Deus.

E por essas razões e por outras, melhores e mais satisfatórias, que a minha reduzida capacidade e entendimento feminino não podem compreender nem sentir, creio, certamente, que os bens da graça são superiores e mais singulares que os da natureza e da fortuna. E o homem ou a mulher que se sente provido desses bens ou de algum deles, em que estima ou apreço os deve ter! E quão zeloso e cuidadoso ele deve ser em mantê-los e dirigi-los ao serviço e em honra d'Aquele de quem esses ditos bens emanam! Não só quem o recebe e o tem, mas também nós, quando vemos brilhar em alguém alguns desses bens da graça, devemos nos maravilhar com devoção, dirigindo e direcionando nossa admiração não à pessoa que os possui, seja homem ou mulher, conhecadora ou simples, mas apenas ao Pai misericordioso que os dá.

E se dirigirmos - ou elevarmos - nossa admiração à altura e à divindade inestimável desse soberano Senhor, não nos maravilharemos duvidando daquilo que vemos, mas teremos que nos maravilhar, acreditando que não somente os bens que vemos, mas mesmo aquilo que não vemos nem podemos imaginar, Deus pôde e pode inspirar e realizar em suas criaturas. E, assim, nossa admiração e contemplação se elevarão para considerar a onipotência, a sabedoria e a bondade de Deus e todas as Suas outras excelências, e então nosso maravilhamento seguirá o caminho reto. Porque veneraremos e honraremos as coisas feitas e o soberano Criador, e nas boas obras que veremos que suas criaturas fazem, o Inspirador e Doador de todos os bens.

E creio ainda, aliás, que esta é a verdade que o Profeta nos ensina no salmo onde diz: “Senhor, Senhor nosso, quão maravilhoso é o teu nome em toda a terra!” Porque logo depois elogia a magnificência de Deus, que se entende pelas excelências divinas e pelos bens que Ele fez e faz ao homem, ou seja, bens da natureza - e como o fez superior a todas as coisas que existem na terra - que podem ser entendidas pelos bens da fortuna - e como o visita continuamente com consolações e dons especiais - esses são os bens da graça. E é por isso que, para concluir tudo isso, ele torna a repetir novamente sua admiração, dizendo: “Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável e maravilhoso é o teu nome em toda a terra!”,³⁶ pelo qual parece que ele nos dá claramente a entender que todas as coisas que Deus faz no mundo, todas são feitas para a honra, glória e magnificência do seu santo nome.

36 Salmos 8, 9: Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a terra!

E, portanto, parece evidente que em todos os bens, tanto os da natureza ou da fortuna como os da graça, e também os nossos bens próprios e particulares, bem como naqueles que vemos que Deus faz ao próximo, por todos devemos elevar a nossa admiração e devoção à soberana Fonte de onde todos os bens descendem. E daí se seguirá que, quando tivermos visto que Deus fez ou faz algo do nada, louvaremos a sua onipotência; e quando tivermos visto que Deus transformou ou está transformando coisas pequenas em grandes coisas, louvaremos a sua magnificência; e quando tivermos visto que Deus transforma mentes simples e rudes em estudiosos e guardiões da lei, louvaremos sua sabedoria eterna; e quando tivermos visto que Deus faz com que os maus entendam e realizem algumas coisas boas, louvaremos a sua bondade inestimável; e quando tivermos visto que os bons e os justos recebem prêmios e recompensas de Deus, louvaremos a sua justiça; e quando tivermos visto que ele concede graças e privilégios aos pecadores, louvaremos a sua grande misericórdia; e se virmos que as mulheres fazem tratados, louvaremos os dons de sua santa graça e divina generosidade. E da mesma forma, em todas as coisas que Deus fez, faz e permite que as criaturas humanas façam - tanto naquelas que vemos serem feitas cotidianamente por curso natural como naquelas que raramente, ou por grandes intervalos de tempo, ocorrem - devemos direcionar nossa admiração para a glória e honra do nome de Deus. E esta admiração mencionada é a veneração, a reverênciā e o sacrifício de louvor que o entendimento humano oferece à Alteza divina. Onde o profeta, na pessoa do Senhor dos profetas, diz: “Com o sacrifício de louvores me honrarás, e *cetera*.³⁷

³⁷ Salmos 116, 17: Oferecer-te-ei sacrifícios de louvor, e invocarei o nome do Senhor.

Há outra admiração ou maneira de maravilhar-se com a qual o Senhor que faz maravilhas não é louvado nem servido, pelo contrário, é uma ofensa a Ele. E isso é quando nos maravilhamos tanto e tão extremamente com alguma graça ou benefício que Deus dá ao nosso próximo que parece que não acreditamos nisso, e essa admiração duvidosa vem de ter mais consideração ao que vemos do que à Fonte de onde ela descende. Porque consideramos a faculdade ou estado da pessoa humana, não a grandeza do poder divino. A partir do momento em que o nosso entendimento é totalmente absorvido por esta consideração, ele se torna tão pesado, carregado e grosseiro, que só poderemos conduzi-la tardiamente - ou nunca ou com grande dificuldade - à compreensão da delicadeza e da sutileza dos bens inspirados pela graça divina.

Portanto, com esta pesada carga de considerações humanas, algumas pessoas maravilham-se, ou ficaram maravilhadas - ou até mesmo consideraram duvidoso e quase impossível - que uma mulher fizesse tratados ou conseguisse realizar algum trabalho significativo e bom. E se os homens fazem livros e tratados compendiosos, não se maravilham, porque isso é atribuído ao seu próprio senso e à capacidade de compreensão das grandes e naturais ciências que conhecem. E não se referem à glória de Deus, nem creio que se lembrem de onde vieram as naturais ciências que os homens aprendem nos estudos, e para quem as conhece, onde as aprenderam e quem as ensinou. Porque se considerassem bem, veriam que aqueles que agora são mestres foram em outros tempos discípulos e aqueles de quem foram discípulos, outro mestre os ensinou. E as ciências chegaram assim às mãos de quem as possui e as conhece hoje, ensinando-se uns aos outros e aprendendo.

Porém, se pesquisarem bem, descobriremos que a sabedoria, bem como a habilidade e a graça para ensiná-la e aprendê-la, todas descendem e descendem de uma fonte, porque o Senhor das ciências é somente Deus. E até me parece que é isso que li numa história que temos, próxima das calendas de agosto, no livro chamado Da Sabedoria, onde se diz: “Toda a sabedoria vem do Senhor Deus, e *cetera*.³⁸” E diz mais adiante: “Ele mesmo o criou pelo espírito”.³⁹ Com efeito, Ele o divide e distribui, enumera e derrama sobre todas as suas obras e sobre toda a carne segundo o seu dom e dá a quem ama a si mesmo ou a quem o ama, e *cetera*.⁴⁰ Bem, parece que aquele que se dedicar a esse estudo tão salutar e santo - a saber, amar a Deus - e plantasse em sua alma a raiz da sabedoria, que é o temor do Senhor, não lhe seria negada a sua graça; nem se nega o misericordioso Pai de sentar-se na cadeira do entendimento dos simples e de lhes ler lições maravilhosas.

Portanto, qualquer homem ou mulher que queira exercitar-se nesse dito estudo será mais sábio que Salomão. E não apenas para aqueles de nós que o amam e temem, mas também para aqueles que continuamente o ofendemos sem lhe prestar qualquer serviço ou sermos dignos de receber um benefício de um Pai tão santo e altíssimo; ele não deixa de nos instruir e ensinar maravilhosos conselhos e santas inspirações, tanto é assim que se a minha própria malícia e fraqueza humana não dissipassem este ensinamento, poderíamos dizer que as obras que este meu Mestre

³⁸ Eclesiástico 1, 1: Toda sabedoria vem do Senhor e está com ele para sempre.

³⁹ Eclesiástico 1, 7: é o Senhor, ele que criou a sabedoria, a conheceu, a enumerou e a derramou sobre todas as suas obras.

⁴⁰ Ibidem

soberano me mostra que devo fazer são melhores do que as palavras que Ele me ensinou a escrever.

Assim, existe admiração menos devota do que a do homem que fica tão maravilhado com alguma coisa, por ela ser boa, a ponto de considerar impossível ou duvidoso que só Deus a tenha inspirado e ensinado à pessoa que a fez? E sem dúvida mais ofensa do que reverência fazemos a Deus quando acreditamos que uma pessoa humana pode ensinar qualquer ciência a outra, mas duvidamos que o Senhor das ciências a possa ensinar a quem queira.

E se por ventura alguém quiser aqui arguir, dizendo que todos creem nisto: que Deus é tão onipotente que pode fazer de um homem simples o mais letrado que haja no mundo sem que ele tenha seguido curso de estudos ou sem ter aprendido as letras; mas que, assim como sua onipotência pode fazer todas as coisas, assim, por sua eterna sabedoria e sua maravilhosa providência, Ele proveu e provê todas as coisas, dando a cada uma delas uma ordem, uma maneira e um tempo. E que assim ele fez e faz com as naturais ciências, pois lhe agradou e agrada dar a ordem e a maneira que vemos para aprendê-las e ensiná-las, e *cetera*. Ao que respondo que a razão já exposta é boa, mas não estou dizendo que alguém para amar e servir a Deus deva subitamente transformar-se em Mestre em Teologia ou Doutor em Direito ou Bacharel em Cânones, nem que deva esperar ser instruído nas artes liberais. Porém, o que digo e quero dizer é isto: que a ciência e a sabedoria que Deus ensina - e ensinará a qualquer homem ou mulher que com amor, reverência e humildade venha para sua escola - é de altíssima qualidade como é o seu incomprendível e perfeito saber que reconhece o que convém à saúde de cada um, porque Deus é perfeita Caridade.

E assim como por sua perfeita caridade nos ama verdadeiramente, também por sua grande misericórdia e bondade nos ensina e infunde em nossos entendimentos e almas aquela sabedoria única que necessitamos para conhecer, amar e receber os verdadeiros bens. Na verdade, essas outras naturais ciências são boas porque Deus as criou e as infundiu no entendimento dos homens, mas sabemos que muitos dos que conheciam essas ciências se perderam e muitos que não as conheciam foram salvos. Portanto, a única verdadeira ciência é aquela que nos ensina, nos corrige e nos leva a conhecer, amar e desejar o verdadeiro Bem; e esta sabedoria, Deus não nega a quem a deseja e a busque com afetuoso cuidado. E se quiserdes saber qual é a escola onde se aprende e se louva essa verdadeira ciência, digo que é a contínua lembrança dos benefícios de Deus.

Oh, que seja tão diligente como deveria em frequentar e seguir bem a dita escola, ou seja, recordar e repassar continuamente em seu entendimento os bens que recebeu de Deus! Certamente se julgaria tão obrigado e predestinado a amar e servir a Deus que mesmo que pelo menor bem que neste mundo recebe, não lhe seria nenhum sacrifício dedicar mil anos a seu serviço. E se os bens que temos neste mundo nos inclinam a amar e a servir este Senhor soberano, vede o que devem fazer os bens e a recompensa que tanto e mais esperamos deste mesmo Senhor, que é supremo e perfeito Bem e Fonte abundante de todos os bens. Portanto, que cada um faça dentro de sua alma e no seu pensamento uma cela secreta onde possa contemplar os benefícios de Deus. E como, por causa deles, se sentirá obrigado a amá-lo, então se sentirá inclinando a desejar servi-lo e louvá-lo e a contar às pessoas a magnitude ou grandeza de seus abundantes benefícios e privilégios. E como

esta boa sabedoria é muito salutar e proveitosa, Deus não a negará a qualquer pessoa que dela necessite.

E, assim, o tratado que eu fiz, os prudentes homens que o viram já sabem que não se trata de filosofia nem de teologia, nem de qualquer outra natural ciência, mas somente dessa já mencionada devota e salutar sabedoria. Que é saber conhecer e reduzir à memória os benefícios de Deus e saber conhecer, examinar e procurar nesses meus públicos males as ocultas misericórdias do Senhor. Onde o profeta diz: “Quão grande é a multidude ou abundância da tua doçura, a qual reservaste aos que Te temem!”⁴¹. E parece que dá a entender com estas palavras que, se não recebermos com temor, reverênciia e amor os castigos e provações que Deus nos envia e nos dá neste mundo, não poderemos conhecer e muito menos provar a doçura da misericórdia de Deus, nem sentir a doçura dos bens espirituais, que estão incluídos e escondidos nas provações pelas quais passamos. E se eu não fosse digna, e não sou, de conhecer tanto bem, os benefícios de Deus são dignos, no entanto, de serem conhecidos, contados e louvados por toda criatura. E aquilo que era obscuro e difícil ao meu entendimento mulheril, Aquele que é a verdadeira Luz e o Sol da justiça pôde torná-lo claro e luminoso.

E, de fato, apropriado nome é ele ser chamado de Sol da Justiça, porque nela infunde e distribui os raios de sua claridade onde sabe e reconhece que é mais necessário. E onde é mais necessária a luz, não é onde abundam as trevas? E onde é mais necessária a sabedoria, não é onde se

⁴¹ Salmos, 31, 19: Oh! Quão grande é a tua bondade, que guardaste para os que te temem, a qual operaste para aqueles que em ti confiam na presença dos filhos dos homens!

encontra a perigosa ignorância? E onde é mais necessária a graça, não é onde há uma multidão de pecados? Onde é mais necessário o consolo, não é onde a aflição do espírito e da pessoa é grande? E da pessoa pobre e pequena, quem será a ajudadora? E por “pobre e pequena” devemos entender a pobreza de virtudes e a pequenez e rudeza de entendimento, pois mesmo que a elas, as pessoas pobres em bens temporais, as ricas possam ajudar, e as que são de estados pequenos e baixos as grandes possam favorecer, quem poderá socorrer ou reparar a escassez de quem é pobre e despido de boas virtudes e méritos? Ou à pessoa simples e tola, quem poderá fazê-la prudente ou entendedora? Nenhuma pessoa humana, por mais virtuosa que seja, pode tornar outra virtuosa, nem qualquer pessoa letrada pode ensinar ou tornar sábia aquela que tenha um entendimento pequeno e rude.

Pois, bem vedes que concerne à onipotência de Deus fazer isso. Concerne àquilo que sua onipotência concorda em fazer, o que também pertence à sua sabedoria eterna, porque só Ele sabe quem é pobre de virtudes, e só Ele conhece a rudeza, a pequenez e a insuficiência dos entendimentos. Somente àquela sabedoria concerne saber, também reparar com inestimável bondade, caridade e misericórdia. Porque, assim como o rico não é obrigado a dar esmola ao pobre se a sua própria vontade e caridade ao próximo não o compele, muito menos Deus é obrigado a fazer o que a sua onipotência pode e a sua sabedoria eterna sabe que necessitamos, a menos que sua bondade e perfeita caridade e misericórdia paterna intervenham. Com efeito, estas três excelências divinas - bondade, caridade e misericórdia - são grandes intercessoras e mediadoras para que possamos conseguir e ter os bens, os confortos e as con-

solações que só a onipotência de Deus nos pode dar, e somente sua sabedoria sabe a qualidade e a quantidade que nossos trabalhos requerem. E, além disso, creio verdadeiramente que a justiça não discorda disso, nem nos mostra sua face esquerda: Deus, quando nos flagela e nos dá tribulações, é movido pela justiça, e a própria vara com que nós, pecadores, somos feridos é justiça. Mas já que estamos convertidos e, pela graça de Deus, pecadores feitos penitentes, quem duvida que a justiça será a nossa defensora? É sim, certamente.

E, portanto, visto que Deus, através da sua sabedoria eterna, conheceu a extrema pobreza e nudez de virtudes de minha alma, e também conheceu a pequenez e a insuficiência do meu rude entendimento e a reduzida capacidade que havia em mim para reconhecer, apreciar, conhecer e louvar os seus benefícios, pela sua inestimável bondade, agradou à sua grande misericórdia e à sua perfeita caridade que a sua omnipotência - à qual só ele pertencia e que cabe aliviar os meus grandes males - proporcionasse a uma pessoa pecadora alívios e consolações tão salutares que posso sem dúvida dizer com o profeta: “Segundo a multidão das minhas dores no meu coração, as tuas consolações alegraram a minha alma e encheram-na de alegria”⁴² Somente Tu consideraste meu trabalho e minha dor, e foi a Ti que revelei minha causa, Defensor da minha vida, Senhor, meu Deus.

Maravilham-se as pessoas do que escrevi no tratado, e eu me maravilho do que na verdade calei, mas não me maravilho duvidando nem

⁴² Salmos 94, 19: Na multidão dos meus pensamentos dentro de mim, as tuas consolações recrearam a minha alma.

faço muito em acreditar no maravilhar. Pois, a experiência me dá razão, e o Deus da verdade sabe que eu não tive outro Mestre, nem me aconselhei com qualquer letrado, nem copiei de livros, como algumas pessoas com maliciosa admiração têm dito. Mas somente essa é verdade: que o Deus das ciências, Senhor das virtudes, Pai das misericórdias, Deus de toda consolação, que nos conforta em todas as nossas tribulações, só Ele me consolou, só Ele me ensinou e só Ele me leu. Ele inclinou o seu ouvido para mim que, rodeada de grandes angústias e colocada no profundíssimo lago de males inseparáveis, chamava-o com o Profeta, dizendo: “Salva-me Senhor, pois a água entra até minha alma”⁴³. E uma enchente carregando grande perigo entrou verdadeiramente na minha alma, pois não reconheci nesses meus males os benefícios de Deus, nem tive paciência, nem sequer sabia o que era.

E, aliás, creio que meu entendimento então era aquele mesmo do cego que estava no caminho quando nosso Redentor passava perto de Jericó.⁴⁴ E como aquele cego que, não vendo luz alguma, sentiu que Aquele por quem a luz é feita passava perto dele e poderia libertá-lo das trevas em que se encontrava, meu entendimento, estando cego e cheio de trevas de pecados, também sentiu os passos do Salvador, que são as boas inspirações que Ele envia às nossas almas antes de vir, para que quando vier, o conheçamos e saibamos pedir o que com razão deveríamos pedir. E como meu entendimento cego sentiu pelos ditos sinais que o Salvador estava vindo, imediatamente começou a clamar secretamente, dizendo:

43 Salmos 69, 1-2: Livra-me, ó Deus, pois as águas entraram até à minha alma. Atolei-me em profundo lamaçal, onde se não pode estar em pé; entrei na profundezas das águas, onde a corrente me leva.

44 Evangelho de Lucas 18, 35: E aconteceu que chegando ele perto de Jericó, estava um cego assentado junto do caminho, mendigando.

“Tem piedade de mim, Filho de Davi”. E os que iam e vinham repreendiam esse meu cego entendimento para que ele se calasse.

E sem dúvida posso dizer que iam e vinham muitas preocupações delirantes e uma multidão confusa de questões temporais humanas que repreendiam meu entendimento e até o forçavam a calar, porque quando eu estava no caminho perto de Jericó – que quer dizer que eu havia colocado toda a minha atenção nas ruas deste mundo - e que o meu desejo estava mais próximo dos afetos humanos do que dos afetos espirituais, não era de admirar que os pensamentos que iam e vinham e passavam pelo meu entendimento fossem habitantes de Jericó - isto é, mais familiarizados com o século do que com a religião cujo nome naquela época usurpava. Dessa maneira, estes pensamentos e estes movimentos humanos ordenaram que o meu entendimento cego se calasse, mas ele, com o grande desejo que tinha de ver a luz, multiplicou cada vez mais suas secretas vozes, dizendo: “Tem piedade de mim, Filho de Davi”⁴⁵.

E agradou ao Senhor aceitar esta tão trabalhosa e devota luta que meu entendimento cego travou contra seus obstrutores e a favor de si mesmo. E por causa de sua grande caridade, Ele quis parar e esperar até que este cego acima mencionado alcançasse a verdadeira luz e fosse conduzido e levado à Sua presença como por Seu comando – devemos entender “conduzido pela graça divina” –, pressionado por uma grande necessidade porque ele não viu nenhuma outra proteção e ajuda vindo do nada além d’Aquele que fez o Céu e a Terra. E por sua grande caridade quis parar e esperar que este referido cego alcançasse a verdadeira Luz e, por Seu mandamento, fosse guiado e levado diante de Sua presença

45 Evangelho de Lucas 18, 39: E os que iam passando repreendiam-no para que se calasse; mas ele clamava ainda mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim!

– devemos entender “guiado pela graça divina”, pressionado por grande necessidade, porque não via nenhuma outra proteção e ajuda vinda de qualquer lugar, a não ser d’Aquele que fez o céu e a terra. Assim meu entendimento foi levado à presença do Salvador, que por estas razões já mencionadas foi completado e atraído à oração. Então, é quando oramos devotamente e atentamente que estamos propriamente na presença de Deus. E assim aconteceu que por sua grande misericórdia, foi feita ao meu entendimento aquela mesma pergunta, ou interrogação, que o nosso Redentor fez àquele cego que lhe gritou no caminho perto de Jericó, a saber: “O queres que faça por ti?”⁴⁶.

E a verdade é que os meus naturais e humanos desejos me convi davam e me inclinavam a pedir coisas um tanto contrárias à saúde espiritual, porém como eu já sabia que aquele Senhor que me interrogava era meu Salvador, sabia que se eu lhe pedisse algo contrário à minha salvação, ele não me daria. E o meu entendimento ainda lembrou naquele momento do que diz Santo Agostinho sobre aquela palavra do Evangelho: “*Quidquid pecieritis Patrem yn nomine meo, e cetera.*”⁴⁷ Onde diz que aquele que pede algo contra a razão de sua saúde espiritual não pede em nome do Salvador.⁴⁸ E, portanto, meu entendimento, ferido por esses temores, deixou de pedir aquilo que a inclinação natural pede, e pediu apenas o que sentiu que agradava ao Salvador. Oh, como agrada ao nosso

46 *Ibdem.*

47 Agostinho, Comentários a São João, Tratado 86: “*Proinde in omnibus misericordia ejus praevenit nos. Et fructus, inquit, vester mancat: quodeunque petieritis Patrem in nomine meo det vobis.*” (Hutton, p. 152, nota 117). *Ibdem.* “Ora, não consideremos que pedimos em nome do Salvador o que não nos convém receber para sermos salvos, mas que em nome do Salvador pedimos isto: o que diz respeito aos interesses da salvação.”

48 *Ibdem.*

Salvador que amemos aquilo que Ele tanto amou e ama, que é a saúde de nossas almas, e que desejemos aquilo que Ele tanto desejou, que depois de se ter oferecido em sacrifício e oferenda consagrada ao Pai no altar da Cruz, ele teve sede de saúde de nossas almas! Então, que pedido mais justo, gracioso e aceitável podemos fazer ao nosso Salvador do que pela saúde de nossas almas ou pelas coisas que pertencem a essa dita saúde?

E como se meu entendimento, em toda a sua cegueira, sentisse desejo de ser perguntado pelo Salvador, dizendo: “O que queres que faça por ti?”, ele respondeu: “*Domine, Domine, ut uideam lumen*”.⁴⁹ Senhor, que eu veja a luz pela qual saiba que és a verdadeira Luz e Sol da justiça; que eu veja a luz pela qual possa conhecer nesses meus males públicos os benefícios ocultos de tua grande misericórdia; que eu veja a luz pela qual nesses meus dolorosos sofrimentos eu possa buscar e desejar grande fervor por Ti que és verdadeiro Médico das almas; que eu veja a luz pela qual nesta minha aflição, confusão e tormento, eu possa ter lembrança contínua de Ti, que és a glória e a bem-aventurança dos santos; que eu veja a luz pela qual minha obscura e mulheril ignorância seja iluminada pelos raios de tua altíssima prudência. Vem, envia, Senhor, a sabedoria da base da tua maravilhosa grandeza para que esteja comigo e para que eu trabalhe contigo e saiba todo o tempo o que será bem recebido por Ti.

E, assim, nesses e em outros pedidos semelhantes, perseverando meu cego entendimento, agradou à misericórdia do Salvador dizer: “*Respicere*”⁵⁰. E essa única palavra era de tal vigor e virtude que então se rompeu o véu das trevas que mantinha cego os olhos de meu entendimento, que

⁴⁹ Evangelho de Lucas 18, 41: Dizendo: Que queres que te faça? E ele disse: Senhor, que eu veja.

⁵⁰ Imperativo de respicere: “veja outra vez”, “recupere a visão”. No Evangelho de Lucas 18, 42: E Jesus lhe disse: Vê; a tua fé te salvou.

então viu e seguiu o Salvador magnificando a Deus. Portanto aqueles que se maravilham duvidando do tratado que fiz, que deixem a dúvida e se maravilhem acreditando que quem fez foi o Senhor, Refúgio do pobre, Ajudador nas oportunidades e nas tribulações.

Talvez alguém queira conhecer a explicação daquelas palavras, a saber: como o meu entendimento viu e seguiu o Salvador, magnificando a Deus. E para entender melhor isso, primeiro devo falar da qualidade da aflição, qual é a cegueira de entendimento e de que humores procede essa escuridão intelectual. Para isso, é conveniente considerar as potências da anima, que são entendimento, memória e vontade.

A primeira potência é o entendimento, e por isso parece-me que deveria ser-lhe dada primazia, porque não podemos recordar o que não sabemos, nem podemos amar o que não conhecemos nem compreendemos o que seja. E, então, por necessidade, segue-se que o entendimento preceda e use primeiro da sua função. E compreendendo, sabendo e conhecendo, a memória e a vontade podem então exercer sua função habitual e natural, lembrando e amando aquilo que o entendimento entende, conhece e sabe.

E essas três potências da alma são assim naturalmente dispostas e dadas ao homem pela onipotência e sabedoria de Deus de tal maneira que não possam ficar ociosas um só momento, porque é necessário que o entendimento compreenda algo e que, consequentemente, a memória se recorde daquilo que o entendimento compreende, e a vontade está inclinada a amar ou abominar de acordo com a qualidade daquilo que o entendimento e a memória lhe apresentam. E visto que, tanto homens como mulheres, somos todos chamados geralmente “criaturas razoáveis”, parece que esta reputação e a verdade que a acompanha nos convidam e

nos inclinam naturalmente a amar e a nos deleitarmos com o nosso próprio bem, e a odiar e lamentar o mal quando nos acomete. E como esta inclinação natural é ao mesmo tempo anexa e familiar de todo animal razoável, é muito conveniente e necessário que o entendimento seja saudável e tenha a vista bem sã e clara para que possa compreender, conhecer e discernir o que é bom e o que é mau, porque certamente, à medida que ele se apresenta à memória, a vontade o receberá em sua graça.

E lembro-me de ter ouvido dizerem os doutores de medicina que o corpo humano é regido por quatro humores e quando um deles fica excessivamente alterado e perturbado, o corpo adoece gravemente. E isso parece acontecer ao entendimento e aos humores pelos quais o nosso entendimento é regido e também governado. E acredito que os humores sejam certamente os cinco sentidos, e se esses são bem ordenados e regidos, o entendimento daquele que os governa bem estará com boa saúde. Mas se acontecer que os cinco sentidos corporais fiquem desordenados e se envolvam demasiadamente com coisas mundanas, o entendimento adoece e, por ter ficado doente, não consegue fazer o seu trabalho, que é ser a primeira e principal potência da alma. E a dissolução desses ditos humores intelectuais poderá ser tão excessiva que pode levar o entendimento a perder visão. E certamente o entendimento adoece por causa dos sentidos, porque quem poderá impedir seu entendimento de compreender o que o olho viu e o que o ouvido ouviu? Pois, se o que se vê e ouve é danoso e tomado pelos vícios, a saúde do entendimento é prejudicada e a sua visão interior é obscurecida. E a partir do momento em que o entendimento adoece, acredito verdadeiramente que a memória e a vontade não estejam mais saudáveis. Pois, se as potências da alma enfraquecem, quem fortalecerá o espírito? Quem reconhecerá a Deus se o entendimen-

to que nos é dado para reconhecê-lo perdeu a visão? Quem se lembrará daquele que tantos benefícios nos traz se a memória está doente e aturdida em lembranças mundanas? Quem amará Aquele que soberanamente deve ser amado se a nossa vontade está prejudicada e ocupada em afetos com os olhos do entendimento contrário ao amor de Deus?

E desta maneira, e por causa dos sentidos, os olhos do entendimento ficam cegos: pois pode-se chamar de cego o entendimento de quem vê a luz passageira do curso do dia e não vê nem considera as trevas da noite de seu escuro viver, as quais o afastam da Luz verdadeira e o levam por passos contados à escuridão eterna. E por isso, tem a visão bem clara quem vê as trevas e a confusão de seus pecados, conhece a miséria em que vive e conhece a bondade de Deus que o espera para sua penitência. E certamente brilha uma grande luz no entendimento de quem conhece a si mesmo e conhece a Deus.

E o cego Tobias viu essa luz quando ensinava a seu filho tão clara doutrina, e o advertiu, dizendo: “Não precisas temer, filho, porque vivemos uma vida pobre, pois teremos muitos bens se temermos a Deus, e *cetera*.⁵¹ E por “vida pobre” entende-se pobreza espiritual, porque vida pobre tem aquele que é cheio de vícios e vazio de virtudes, porque as virtudes são as verdadeiras riquezas da alma. Onde São Gregório diz: “Se verdadeiramente rico desejas ser, ama as verdadeiras riquezas”.⁵² Mas, mesmo aqueles de nós que com essas riquezas fazemos uma vida pobre teríamos muitos bens se temêssemos a Deus.

51 Livro de Tobias 4, 23: Não temas, meu filho: na verdade levamos uma vida pobre, mas teremos muitas coisas boas se temermos a Deus, e nos afastarmos de todo pecado, e fizermos o bem.

52 Gregório Magno, Homilias sobre o Evangelho, Homilia XV: Se desejam ser ricos, meus caros irmãos, amem as verdadeiras riquezas.

Temer a Deus é afastar-se do mal e fazer o bem, onde o Profeta, mostrando que o temor a Deus consiste nessas duas coisas, diz: “Venham, filhos, ouçam-me; o temor do Senhor vos ensinará”⁵³ E antes de ensinar o medo, ele levanta uma questão e diz, como se perguntasse: “Quem é o homem que deseja a vida? e *cetera*”.⁵⁴ E “querer a vida” nada mais é do que odiar a morte, que é o pecado, e amar a virtude, que é a vida da alma. Pois, assim como o corpo vive através do espírito, o espírito vive através da virtude e pelo exercício de obras virtuosas. E acrescenta logo após: “e adora ver dias bons”.⁵⁵ E o que são “dias bons” senão aqueles de que fala este mesmo Profeta acrescentando: “Melhor é um único dia em suas moradas, e *cetera*.⁵⁶

E, portanto, não podemos ascender a essas mansões e a esta morada celestial senão pela escada de obras virtuosas, providas de bons méritos. E, de fato, com grande maturidade e prudência o Profeta ensina a disciplina do temor de Deus, para que antes de pronunciá-la, tire todas as dúvidas, como preparação ou aconselhamento para receber o referido medo. E logo depois ele revela seus ensinamentos e doutrina dizendo: “Aparta-te do mal e faz o bem, e *cetera*.⁵⁷ Mas como pode afastar-se do mal quem ainda não conhece o verdadeiro Bem, que não pode ser visto com os olhos corporais, mas com os intelectuais da alma? E se estes olhos estão escurecidos por causa dos nossos

53 Salmos 34, 11: Vinde, meninos, ouvi-me; eu vos ensinarei o temor do Senhor.

54 Salmos 34, 12: Quem é o homem que deseja a vida, que quer largos dias para ver o bem?

55 *Ibidem*.

56 Salmos 84, 10: Porque vale mais um dia nos teus átrios do que mil. Preferiria estar à porta da casa do meu Deus, a habitar nas tendas dos ímpios.

57 Salmo 34, 14: “Aparta-te do mal, e faze o bem; procura a paz, e segue-a.”

pecados e cegos pelo pó das concupiscências terrenas, estaremos nas trevas e não poderemos ver o caminho para a nossa pátria, a cidade de Jerusalém, exceto se Aquele que é a verdadeira luz não ilumina o nosso entendimento. Oh Luz eterna e Sol da justiça, chave de David⁵⁸ e Cetro da casa de Israel⁵⁹, vinde libertar minha alma atormentada das trevas e desta sombra de morte! Então, o verdadeiro Médico, conhecendo a qualidade da minha enfermidade espiritual, o que fez para me proteger? Ele fechou as portas dos meus ouvidos, por onde a morte entrava até minha alma, e abriu os olhos do meu entendimento, e eu vi e segui o Salvador. E vi minhas mãos privadas de todos os prazeres humanos e vãos, e vi minhas obras carregadas de angustiantes sofrimentos, vi a justiça do justo Juiz que me golpeou com a sua mão poderosa, e vi a misericórdia do clementíssimo Pai que me esperava na penitência, e segui o Salvador. E “seguir o Salvador” pode ser entendido de muitas maneiras, mas a mais apropriada e verdadeira é aquela que Ele mesmo diz no Evangelho: “Quem quiser vir comigo, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me, e *cetera.*”⁶⁰

E se renunciar a si mesmo nada mais é do que contradizer, punir e negar totalmente a sua própria vontade e seguir a vontade de Deus, em que devo gastar o meu tempo senão nesta luta e nesta batalha penosa, ou seja, para contradizer a minha vontade e renunciar a ela, e seguir a vontade d’Aquele que pela sua grande misericórdia me

⁵⁸ Apocalipse 3, 7: “Estas coisas diz o Santo e Verdadeiro, que tem a chave de Davi ...”

⁵⁹ Gênesis 49, 10: O cetro não se arredará de Judá ...

⁶⁰ Evangelho de Mateus 16, 24: Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me

fez digna de ser colhida por sua mão? Assim, ora pela graça infundida da bondade sobrenatural de Deus, ora pela força manifesta do rigor da justiça, eu assim continuamente me abstendo de minha própria vontade, que verdadeiramente nego a mim mesma com assaz dificuldade, e esforço-me por carregar a minha cruz, que é o tormento deste meu flagelo cotidiano, nas mãos do contentamento interior.

E carregando-a com muito sofrimento nos ombros da minha fraca humanidade, que mais faço senão seguir o Salvador, não com passos corporais, mas com as paixões da alma que correm no perfume dos seus unguedos - que são as suas preciosas chagas – com que Ele quis ser coberto na sua grande caridade e com a qual Ele quer cobrir aqueles que Ele escolhe para Si. E dessa maneira, meu entendimento cego viu, seguiu e segue o Salvador, magnificando a Deus.

E devo magnificar a Deus e acatar com diligência devota a grandeza de seus benefícios, misericórdias e graças, e manifestá-las às pessoas recontando-as para a glória e a magnificência de seu santo Nome, o que eu, embora com pouca devoção e menos ainda prudência, mas de acordo com minha pequena capacidade mulheril, fiz.

E quando escrevi aquele tratado que trata dessa Luz intelectual e da dita ciência, que é louvar e conhecer a Deus e a mim mesma e negar a minha vontade e conformar-me com a sua vontade, e tomar a cruz do sofrimento que padeço nas mãos do entendimento interior, seguir o Salvador no passo da aflição espiritual, e magnificar a Deus por confecção da língua, dando louvor e exaltando o seu santo Nome, recontando às pessoas a igualdade de sua justiça, a grandeza de sua misericórdia e sua magnificência e glória. Onde o Profeta da glória de seu reino diz:

“A magnificência e glória tua recontarão”⁶¹; e “os céus recontam a glória de Deus”⁶²; então, que a terra, que é a criatura humana, proclame a sua magnificência e glória, dizendo: “Cantai ao Senhor, porque ele a fez magnificamente. Anunciai isso em toda a terra.”⁶³

Portanto, que pelo desenfreio excessivo dos sentidos corporais se alteram e tornam-se ociosas pela estreita abstinência deles, podem tornar, e se tornam, aguçados e diligentes em seus próprios ofícios.

E assim essas três potências da alma, que pela dissolução excessiva dos sentidos corporais ficam perturbadas e ociosas, podem tornar-se aguçadas e diligentes em seus próprios ofícios pela estreita abstinência deles. E parece acontecer com o entendimento, com a memória e com a vontade o que acontece com algumas mulheres comuns que saem frequentemente de casa e perambulam pelas casas alheias. Elas, devido a esse mau costume, tornam-se tão negligentes e preguiçosas na tarefa feminina e nos trabalhos domésticos, e elas por isso não valem mais, mas seu patrimônio e casa valem menos.

É isso que parece acontecer com o entendimento quando ele frequentemente abandona e deixa sua própria casa, que é o estudo interior da secreta meditação entre as paredes do coração; porque assim como as mulheres que quando estão reunidas dentro de suas casas ocupam-se em seus ofícios próprios e honestos, também o entendimento, que quando afastado das coisas externas e fechado

61 Salmos 145, 5: Proclamarão o glorioso esplendor da tua majestade, e contarão as maravilhas que fazes.

62 Salmos 19, 2: Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos.

63 Livro de Isaías 12, 5: Cantai ao Senhor, porque ele fez coisas grandiosas; saiba-se isto em toda a terra.

entre as portas da meditação secreta, exerce com mais vigor o seu ofício natural. Mas, aquele entendimento que vagueia fora de sua morada - ou estudo interior - e se envolve frequentemente nos negócios mundanos, ele, por causa disso, não vale mais, e o seu patrimônio, que é a alma, vale menos.

Dessa forma, com o entendimento acontece o mesmo que acontece com a mulher errante obrigada a voltar para casa pela aproximação da noite, que volta tão perturbada e sem disposição para o trabalho que no pouco tempo que lhe resta não consegue ocupar-se de nada que seria adequado ao seu bem ou ao benefício de sua casa. E justo assim acontece com o entendimento, porque na hora em que os sentidos se recolhem e se afastam de seus trabalhos pelo assédio da noite, em que se faz silêncio a todo trabalho e compromisso externo, o entendimento, como compelido pela necessidade, é obrigado a buscar refúgio em sua própria casa, que é secreta meditação e o solilóquio de seu pensamento interior. Mas ele chega tão alterado, tão perturbado pela ociosidade do dia, que não aproveita do sossego da noite, nem pode compreender o que convém para o seu bem e para o benefício da sua mal governada casa e patrimônio - que é a saúde espiritual.

Pois, para que o entendimento compreenda do repouso e do que convém ao seu próprio bem e ao benefício de seu patrimônio, que é a saúde da alma, é necessário que assossegue e fique quieto na sua dita morada. E tão logo volte para dentro de si, mais curioso ficará para compreender e aproveitar seu próprio ofício, que é conhecer a Deus, conhecer os benefícios de Deus e conhecer os defeitos e falhas da alma, que está prostrada e caída no abismo dos pecados por causa de sua

grande negligência. Oh, que elevada sabedoria é conhecer a Deus, e que verdadeira prudência é conhecer e reconhecer os benefícios de Deus! E que sã e proveitosa ciência é conhecer a si mesmo e aos seus próprios defeitos e faltas! Porque é do verdadeiro conhecimento de Deus que se engendra na alma a perfeita caridade, do conhecimento dos benefícios de Deus que se engendra na alma o agradecimento que vem do coração, e é do conhecimento dos próprios defeitos e faltas que se engendra na alma a compreensão e a humildade.

De fato, esse é o ofício próprio das três potências da alma, especialmente do entendimento, porque a partir do momento em que ele quer entregar-se totalmente ao trabalho dentro de sua casa, nesse seu mencionado exercício santo, a memória e a vontade estão com ele, e todas as três potências se favorecem e se esforçam para recuperar seu próprio nome, ou seja, ser de fato as potências da alma, assim como são no nome - porque por isso são chamadas “potências da alma” - , porque com esses três poderes, compreensão, memória e vontade, a nossa alma se eleva e se esforça para ascender contra a fraqueza humana, e obter e receber o verdadeiro Bem para o qual foi criada.

Mas, uma vez que o entendimento, a memória e a vontade saem de seu aposento e se dispersam nas coisas corporais e vãs, não podemos mais dizer que são poderes, mas de fraquezas da alma, porque elas se debilitam e se tornam grosseiras e a alma enfraquece muito por causa de sua ausência e descuido. E segue-se que afastadas das ocupações mundanas tornam-se mais solícitas e diligentes em seus próprios ofícios espirituais. Quando o entendimento, a memória e a vontade estão de acordo e se entregam de boa vontade a esse mérito e bom exercício, o soberano Senhor não nega sua santa graça, mas aceita com olhos de paternal amor

e verdadeira caridade as perdas dos seus desterrados filhos neste vale de miséria e lágrimas. E quando ele vê a insuficiência e a reduzida capacidade do entendimento humano que não pode subir até onde a alma aspira, sem demora ele abre a porta de sua santíssima arca e destila, da soberana fonte de sua grande misericórdia, maravilhosas gotas sobre a terra, que está pronta para recebê-los – o que deve ser entendido como a disposição da criatura humana para os bens espirituais.

Porque, embora o Profeta e santo Rei David dissesse: “Maravilhoso é Deus nos Seus santos, e *cetera*.⁶⁴” E parece que ele foi e é um desses santos, porque por aquilo que ele mesmo sentia, da magnificência divina, ele se maravilha do quão maravilhoso é Deus nos seus santos. Se, porém, nós, pecadores, quisermos falar segundo o que sentimos dentro de nós mesmos da magnificência dos benefícios de Deus, podemos muito bem dizer: “Maravilhoso é Deus em seus pecadores”, porque embora sejamos pecadores, dele somos; porque, se por sermos pecadores deixássemos de ser seus, a soberana Verdade não teria dito: “Maior alegria haverá no céu para um pecador que faz penitência, e *cetera*.⁶⁵” Pois, se queremos saber quão maravilhoso é Deus nos seus pecadores, consideremos com que paciência ele nos apoia, com quanto cuidado nos guarda, com quanta grandeza nos espera, com quanta caridez nos corrige, com quanta misericórdia nos consola, com quanta bondade nos visita, com quanta generosidade nos enche, com quanta familiaridade nos ensina. Pois, maravilhoso é Deus em seus

64 Salmos 67, 36 (Vulgata): Deus é maravilhoso em seus santos; O próprio Deus de Israel dará coragem e força ao seu povo. Bendito seja Deus!

65 Evangelho de Lucas 15, 7: Digo-vos que assim haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrependa do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.

santos porque Ele mesmo dá virtude e força e maravilhoso é Deus em seus pecadores, porque dá misericórdia e graça.

E misericórdia e graça Deus dá ao pecador quando o açoita e corrige nesta vida presente, porque este é o tempo de misericórdia e graça, e o tempo que esperamos é o do juízo e justiça. Pois, quem no tempo da misericórdia usa de justiça, dá sinais de que no tempo da justiça terá misericórdia, se salvando. E quem mostrará à linhagem dos pecadores que convém a ela fugir da ira vindoura, ou seja, do rigor do julgamento derradeiro senão a misericórdia e a graça de Deus? E a misericórdia vai nos tornando dignos de ser advertidos e corrigidos nesta vida presente, e a graça vai iluminando nossos entendimentos para que a conheçamos e reconheçamos e nos convertamos a Deus, porque ele é bondoso e misericordioso, e *cetera*.⁶⁶ E os trabalhos, aflições e pragas que Deus queira executar sobre os pecadores, mesmo que pareçam justiça rigorosa, internamente clamam misericórdia e caridade. E ele nos adverte como que com língua humana, dizendo: “Convertei-vos a Deus de todo vosso coração, e *cetera*.⁶⁷

E, assim, maravilhoso é Deus em seus santos, porque Ele dá virtude e força; e maravilhoso é Deus em seus pecadores, porque Ele dá misericórdia e graça para suportar e sofrer, e nossos males para reconhecer neles seus grandes bens. E para saber isto, para louvá-lo e contá-lo às pessoas, quem tem um desejo fervoroso e uma sede premente de aprender e conhecer a salutar ciência, que venha à escola do Deus da paciência e receberá o Senhor, Pão da Vida e de

⁶⁶ Profeta Joel 2, 13: E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e arrepende-se do mal.

⁶⁷ Profeta Joel 2, 12: Agora então, diz o Senhor: Convertei-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, e com choro, e com pranto.

entendimento, e água de salutar sabedoria lhe dará a beber e em deleite colherá água das fontes do Salvador.⁶⁸ E dirão naquele dia: Confesse o Senhor e invoque o seu santo nome, que é bendito para todo o sempre! Amém!

Dou graças para todo o sempre.

68 Evangelho de João 3, 35: Então Jesus disse: Eu sou o pão da vida: quem vem até mim nunca terá fome; aquele que crê em mim nunca terá sede.